INSTITUTO DE ARTES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Reminiscências

em Quadrinhos de Minha Bisavó

Beatriz Anhaia Pereira

São Paulo
2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Instituto de Artes - São Paulo

Beatriz Anhaia Pereira

REMINISCÊNCIAS EM QUADRINHOS DE MINHA BISAVÓ

São Paulo
2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Instituto de Artes - São Paulo

Beatriz Anhaia Pereira

REMINISCÊNCIAS EM QUADRINHOS DE MINHA BISAVÓ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a conclusão do Curso de Bacharelado em Artes Visuais do Instituto de Artes da Unesp.
Orientação: Profª. Drª Rita Luciana Berti Bariolli.

São Paulo
2023

Beatriz Anhaia Pereira

REMINISCÊNCIAS EM QUADRINHOS DE MINHA BISAVÓ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a conclusão do curso de Bacharelado em Artes Visuais do Instituto de Artes da Unesp.

Trabalho de conclusão aprovado em: 27/11/2023

Banca examinadora

Prof. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli
Instituto de Artes da Unesp - Orientadora

Prof. Karen Mei Tsai
Instituto de Artes da Unesp

São Paulo
2023

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

P436r Pereira, Beatriz Anhaia, 2000-

Reminiscências em quadrinhos de minha bisavó / Beatriz Anhaia Pereira. -- São Paulo, 2023.
103 f. : il. color.

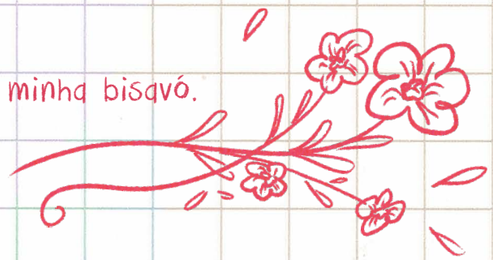
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Rita Luciana Berti Bredariolli.
Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Artes.

1. Histórias em quadrinhos. 2. Livros ilustrados. 3. Biografia. 4. Artes gráficas. 5. Ficção biográfica. I. Bredariolli, Rita Luciana Berti. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 741.5

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

Para Ana, minha bisavó.



Agradecimentos

À minha família, pelas conversas, a paciência com o processo, as ideias, o interesse e o apoio incondissional que recebi não só com este trabalho mas com toda a minha trajetória com a ilustração.

Ao Felipe/Parafuso pela parceria, também pelas conversas, dicas e opiniões e acima de tudo, pelo título do trabalho.

Aos meus professores e professoras, sem os quais não teria sido possível realizar esse trabalho.

E à Ana Reinaldi Zompero, minha Bisa, que me fez querer contar histórias também.



Resumo

O presente trabalho apresenta uma elaboração em forma de quadrinho/livro ilustrado das histórias e memórias de Anna, minha bisavó. Em uma tentativa de fazer um resgate de quem foi minha bisavó, de suas histórias, nossas memórias, o projeto é dividido em capítulos onde são apresentadas interpretações gráficas sobre essas narrativas. Em seguida, são apresentadas conversas registradas com a minha família, onde relembramos as histórias que foram ilustradas. Ademais, apresento as referências visuais e teóricas que foram utilizadas para o desenvolvimento deste trabalho, explicando um pouquinho processo criativo.

Palavras chave: História em quadrinho, HQ, Ilustração, Livro ilustrado, Autoficção, Memória.

Abstract

This work presents an elaboration of the stories and memories of Anna, my great-grandmother in the form of a comic/illustrated book. In an attempt to rescue who my great-grandmother was, her stories, our memories, the project is divided into chapters where graphic interpretations of these narratives are presented. Next, recorded conversations with my family are presented, where the stories that were illustrated are recalled. Furthermore, I present the visual and theoretical references that were used to develop this work, explaining a little of my creative process.

Keywords: Comic Book, Comic, Illustration, Illustrated book, Autofiction, Memory.



Sumário

	De Mãos Dadas	10
	Introdução	**14**
Primeiro Capítulo	**As Histórias da Fábrica**	**18**
	A Pulga	20
	Os Ratos da fábrica	26
	Barata de olho azul	32
Segundo Capítulo	**Memórias em quadrinhos**	**36**
	Manhãs de piscina	38
	Coleção de Chupetas	44
	Dedos estralados	50
	Competição de Contar Carros	54
	Promessas Cumpridas	58
Terceiro Capítulo	**Comos e Porquês**	**64**
	Conversa de 7 de abril de 2023	66
	Conversa de 17 de abril de 2022	76
	Referências e Desenvolvimento	80
	Os Lugares	82
	Referências em Ilustração	84
	Referências em Quadrinhos e Artbooks	86
	Elementos gráficos	88
	Família - Design de personagens	91
	Considerações finais ?	**92**
	Referências	**98**

De Mãos Dadas

Luz do abajur
Manta sobre as pernas
com as mãos dadas.

Café da tarde
Na quina da mesa
de mãos dadas.

Com as suas novelas sempre ao seu lado de mãos dadas.t

Acho que entre sua absurda lucidez
Constância que tinha em minha vida
Seus afetos
Suas histórias
Sua presença
Não enxergava como possibilidade
Não ter sua mão para segurar

Mas de mãos dadas

Nos despedimos

INTRODUÇÃO

Das lembranças que tenho de minha infância, algumas das que guardo com mais carinho, são os momentos que passei junto de meus bisavós maternos, que cuidavam de mim e de minha irmã nos períodos em que não estávamos na escola e enquanto meus pais trabalhavam. Lembro das manhãs, de estar no sofá e esperar minha irmã descer as escadas de casa enquanto minha bisa cantava para ela descer com cuidado, da atenção e carinho do meu bisavô que cortava frutas para comermos, das tardes assistindo tv sentada entre os dois no sofá, e acima de tudo, lembro das histórias de minha bisavó.

Minha bisavó Anna foi uma grande contadora de histórias. Ela tinha o talento de transformar os acontecimentos cotidianos que vivenciava em narrativas de diversos formatos. Às vezes pareciam simples contações de eventos que aconteceram com ela, coisas que ouviu falar ou que aconteceram com aqueles que ela conhecia, as famosas fofocas, e em outros momentos as histórias ganhavam artifícios fantásticos e quase irreais, mas eram sempre contadas a partir de seu ponto de vista, como experiências pessoais.

Às entendo hoje como autoficções, histórias onde as verdades e mentiras se entrelaçaram e a fronteira do que era real e o que seria ficção deixavam de existir. Isso acabava por trazer uma certa ambiguidade às histórias, pois ao mesmo tempo que os elementos trazidos tinham aspectos ficcionais e irrealistas, ela se colocava como protagonista dos relatos. E isso, somado ao apelo de sua forma de contá-las às tornavam, mesmo que com suspeitas, incontestáveis (FAEDRICH, 2015, p.45-60).

Todas estas histórias foram contadas, recontadas e transformadas muitas vezes por minha bisavó, de forma que hoje são conhecidas intimamente por pelo menos 3 gerações da minha família. E, apesar delas serem em essência as mesmas, em conversas com meus familiares fui descobrindo várias alterações e diferentes versões das narrativas que eu conheci.

Esse trabalho inicialmente surgiu como uma vontade de explorar mais essas histórias, e as memórias que tenho junto dela e de entender os impactos que tiveram em meu jeito de construir as minhas próprias narrativas. Sempre tive uma proximidade e uma facilidade maior em me comunicar a partir da visualidade, já minha bisavó, utilizava a oralidade como recurso linguístico e assim me contava suas histórias. Acredito que por isso sempre imaginei esses relatos como cenas visuais em minha mente, acontecendo em quadros estáticos e ilustrações, ou se desenrolando como cenas de um filme. Somado a isso, o desenho e a pintura ao longo de minha vida, vem sendo um conforto e uma forma de me expressar

e especialmente durante a graduação, a ilustração se tornou um dos meus temas centrais de estudo e interesse.

Agora, quando penso nas memórias que busco evocar e transmitir no trabalho, antes de lembrar delas enquanto narrativas orais, as associo a lembranças visuais que tenho dos nossos momentos juntas. Quando ela me contou determinadas coisas, como estávamos no espaço, o que fazíamos e o que nos cercava. Lembranças e imaginação dessas cenas acabam por se mesclar, de forma que as memórias que tenho com ela vem evocadas com sensações espaciais de como era estar em sua companhia. Sensações que não conseguiria traduzir de outra forma senão no desenho, por isso, a ilustração é uma das linguagens que irá compor esse trabalho, em conjunto ou de forma independente do texto.

Também acho importante contar que esse trabalho foi inicialmente pensado como algo que faríamos em conjunto. A nossa proposta era, a partir de gravações e registros de nossas longuíssimas conversas, construir um livro ilustrado, com seus relatos e meus desenhos. A ideia de trazer para a visualidade essas histórias tão caras para mim, e de fazê-lo em parceria com ela era algo muito importante para mim e acredito que para ela também. Infelizmente não tivemos tempo para mais conversas, ela nos deixou e não conseguimos criar esse livro juntas.

Retomo agora esse trabalho de uma outra maneira, quase como um desesperado registro das histórias e memórias que me marcaram e guardo com tanto carinho. Uso o desesperado aqui pois sinto medo de esquecê-las, não por completo, pois as escutei tantas vezes que as considero parte de mim, mas os detalhes. Os pequenos detalhes que por vezes mudaram de acordo com o contexto das conversas e com a minha idade também, os nomes das pessoas sobre quem ela contava, os lugares em que passou, os caminhos por onde andou, as fofocas de acontecimentos há muito passados cujos participantes nunca cheguei a conhecer.

Mas a possibilidade de esquecimento me motivou a buscar em mim e naqueles próximos, as lembranças dela, e de usar esse espaço como um potente lugar de memória, uma espécie de álbum de lembranças, uma maneira de contar as histórias dela e também um jeito de lidar com o luto e com a grande ausência que ficou. Acho ainda importante ressaltar que, apesar do luto ser um dos motivadores do trabalho e de eu tê-lo vivido durante todo seu processo, a temática do trabalho não é o luto, mas sim a celebração e o registro de sua história (pelo menos das partes que consegui conhecer).

Essa celebração e registro se dão através de 3 formatos. Sendo eles o livro ilustrado, a história em quadrinho e um trabalho de conclusão de curso. Por

ele ser em essência um TCC, trouxe as partes que pareceram indispensáveis para o formato, tais como os elementos pré e pós textuais, uma composição de 3 capítulos e considerações finais. Mas em questão de meios e linguagens o fiz a partir das referências que tenho dos outros dois, buscando uma composição de imagem X texto onde um não ficasse subordinado ou outro.

Scott McCloud diz que "As maneiras de combinar palavras e figuras nos quadrinhos são virtualmente ilimitadas"(P.152, 1995) e Anita Prades desenvolve no segundo capítulo de sua dissertação "Trajetórias de um fio de Rio" como o mesmo pode ser dito sobre os livros ilustrados, que com "suas "quase infinitas" possibilidades artísticas, se apresenta como um campo de expressão pulsante, em movimento, gerador de inquietação em suas indefinições convidativas."(P.114, 2019).

Tomando dessas possibilidades para o trabalho, inicialmente apresento o como uma grande mescla entre os 3, onde em certos momentos algum formato se sobressai mais que outro, seja em razão do modo como escolhi narrar, das escolhas referentes às ilustrações ou das necessidades mais formais de um trabalho acadêmico (mesmo que eu tenha em grande parte ignorado essa última).

Por fim, organizei o trabalho da seguinte maneira:

Primeiro Capítulo: As histórias da fábrica - Onde trago três histórias que minha bisavó costumava contar a partir de um formato de livro ilustrado, considerando a utilização de páginas duplas (abertas uma ao lado da outra, como em um livro impresso). As histórias são breves e todas contadas a partir do meu ponto de vista.

Segundo Capítulo: Memórias em quadrinhos - Aqui trago 5 histórias em quadrinho baseadas em memórias que tenho com minha bisavó. Quatro delas se passaram durante minha infância e a última durante meados de 2018 a 2021.

Terceiro capítulo: Como e porquê - Que é dedicado a mostrar um pouco dos processos de realização deste trabalho. Elaborei usando elementos tanto dos quadrinhos, como de livros ilustrados, mas também, mais especificamente baseado em artbooks de filmes animados, como "The Art of Miyazaki's Spirited Away" (do filme "As Viagens de Chihiro"), "The Art of the Mitchells vs the Machines"(de "A Família Mitchell e a Revolta das Máquinas") e "The Art of UP"(de "Up: Altas aventuras").

Primeiro Capítulo

As Histórias da Fábrica

Durante os últimos 30 anos, antes de se aposentarem, meus bisavós trabalharam ambos em uma fábrica de Tecido. De início a fábrica era localizada no Lauzane Paulista, na Zona Norte de São Paulo e próxima dos locais em que minha família morou e mora até hoje, se mudando mais tarde para Mooca, na zona Leste. A Fábrica teve um único dono durante esses 30 anos, Seu Jorge, que inclusive, era personagem constante nas fábulas de minha Bisa.

Ela costumava contar que tinha como função lidar com os tecidos prontos, os enrolava em rolos enormes e conferia suas metragens, assim como também cuidava de algumas funções mais administrativas relacionadas a bancos e dinheiro. Meu bisavô, por outro lado, tinha um serviço mais braçal, ele trabalhava na caldeira, onde as tintas usadas para tingir e estampar os tecidos eram manuseadas.

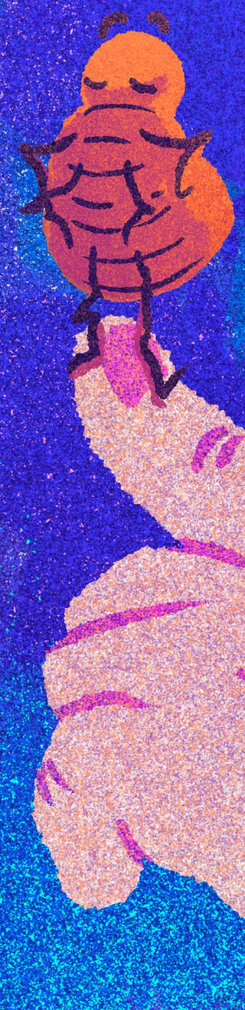
Para este primeiro capítulo, resolvi trazer três histórias que aconteceram no contexto da fábrica e seus percursos. Foram as que mais escutei enquanto crescia e como a maioria das histórias de minha bisa, contém aspectos fantásticos ou simplesmente absurdos em suas tramas. São histórias que mudaram com a passagem dos anos e de acordo com quem as escutava, e eu as conto aqui como uma mistura das versões que ouvi diretamente de minha Bisa e das que ouvi do restante de minha família.

Resolvi contá-las em um formato de livro ilustrado pois é atualmente minha linguagem preferida para contar histórias e dessa forma conseguiria explorar as cores e composições de texto e imagem, de modo que as cenas remetesse aos cenários que imaginava quando escutava as histórias diretamente dela, e ainda sim, garantir uma escrita mais explicativa, cabendo dentro da proposta de um trabalho de conclusão de curso.

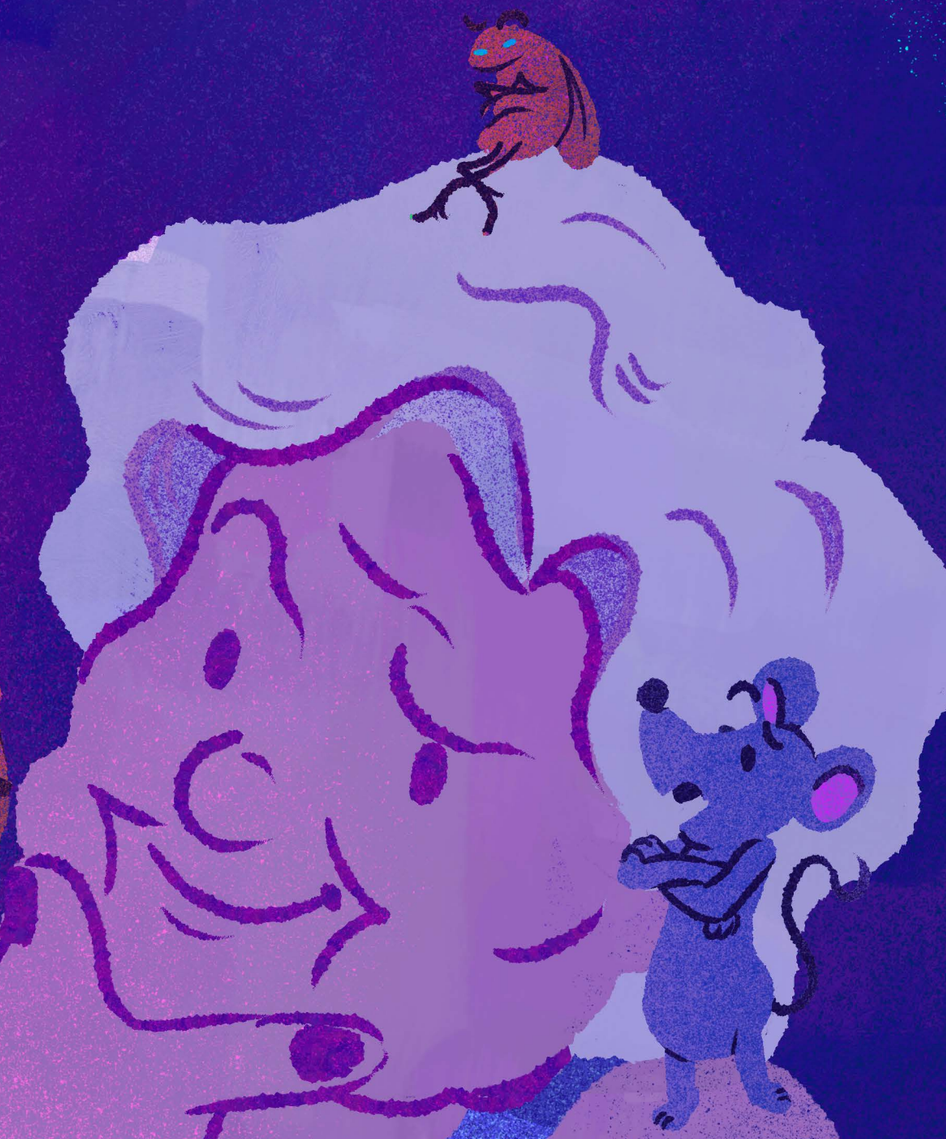


A Pulga

Nas versões mais antigas de algumas histórias, minha bisavó se mostrava uma grande amiga dos animais, em especial, daqueles menos agradáveis aos olhos da maioria das pessoas, os que viviam pelos cantos e que são comumente considerados pragas. Ratos e baratas foram seus parceiros nas histórias mais clássicas, mas houve também uma pulga, que segundo alguns era uma grande amiga.







Disseram-me que ficava embaixo de sua mesa junto das baratas e ratos, fazendo companhia enquanto trabalhava, e nos trajetos de ida e volta da fábrica a escoltava, pulando em sua frente enquanto conversavam até minha bisa chegar em seu destino. Mas a pulga que conheci através de minha Bisa não era sua amiga coisa nenhuma, pelo contrário, era tratada como um incômodo.

Pois eis que uma noite, enquanto andava a caminho do ponto de ônibus que tomava para voltar para casa do trabalho, minha bisa sentiu algo leve, como um fio de cabelo, sobre seu ombro. Casualmente passou a mão para tirar o que quer que fosse dali e continuou seu caminho sem dar muita importância àquilo. Mas a sensação ao invés de desaparecer se deslocou para seu outro ombro.





Ela, já achando aquilo um pouco estranho, sacudiu o lugar novamente, mas a sensação apenas se deslocou de novo e assim continuou várias e várias vezes.
Já desconfiada de que aquela presença poderia ser uma pulguinha e também um pouco irritada com a companhia indesejada que pulava sobre seu corpo sem parar, começou a se concentrar para capturá-la.

Demorou um pouco, já que a intrusa era muito pequena e ágil, mas finalmente conseguiu segurá-la entre os dedos.





Por motivos que nunca compreendi, minha Bisavó não espremeu a pulga imediatamente. Talvez não fosse satisfatório o suficiente acabar com a miséria da coitada tão rapidamente já que ela havia a irritado tanto, ou simplesmente estava escuro e preferiu abatê-la com calma.

Decidida a esperar até chegar em casa para fazê-lo, seguiu seu caminho com a pulga entre os dedos.

O trajeto, da Mooca até a zona norte, era longo e envolvia alguns ônibus, mas minha Bisa seguiu firme, atenta e segurando firme a pulga que tentava desesperadamente fugir.



O ônibus chacoalhava, a caminhada era longa e a pulga não descansava, mas mesmo assim ela conseguiu chegar em casa com ela presa entre os dedos.

Então abriu a porta, entrou em casa e a trancou, deixou a bolsa de lado, tudo usando apenas uma mão, posicionou-se embaixo da lâmpada, juntou seus dedos e, quando estava prestes a espremê-la...



Ela pulou para longe e fugiu!

Os Ratos da Fábrica

O Chão da Fábrica, na parte das caldeiras, era de terra batida. Terra de um tipo que aos doze anos era difícil de imaginar dentro de um prédio fechado em São Paulo por ser absolutamente distante da realidade de chão de cimento ao qual cresci acostumada.

A falta de rigidez e frieza de um chão assim, somada ao calor das caldeiras, que ainda hoje não conseguiria mensurar, traziam uma certa sensação de conforto.

Não para mim, meus bisavós ou os demais trabalhadores da fábrica que provavelmente muito se incomodavam com o calor escaldante...

Mas para os ratos e outros pequenos animais que aproveitavam desse calor e conforto para circular e se abrigar por ali.



Os ratos viviam pelos cantos, escondidos de todos e cuidando para não chamarem atenção, mas minha bisavó, atenta como era, diz ter notado a presença deles por ali. Apesar de aquecidos e acomodados, por não encontrarem alimentos por perto, uma vez que era uma fábrica de tecidos, ela achou os pobres animais muito magros. Notou em especial uma família dos roedores, cujos filhotes estavam já com um aspecto mais doente, e compadecida, resolveu alimentá-los.





Todos os dias durante o horário de almoço ela pegava sua marmita e disfarçadamente se dirigia para a área das caldeiras, sentava em uma mesa e comia metade de sua comida.

Chamava em seguida a família de ratos que resolvera ajudar e lhes dava o restante da marmita.

Não sei bem quanto tempo durou ou como Seu Jorge ficou sabendo, mas durante uma conversa casual ele anunciou para ela sobre o problema da infestação de ratos pelo qual a fábrica estava passando. E disse que não havia motivos para preocupação ou alarde, pois ele "já estava lidando com eles".

Minha Bisavó, que não era nada boba, simplesmente respondeu algo como "Nossa! mas como será que isso aconteceu?"

Imagino que eles tenham ficado muito agradecidos pelas refeições, e não demorou muito para retornarem a um estado de saúde mais próprio. Mas a notícia sobre a mulher humana com uma simpatia por ratos logo deve ter se espalhado, e mais dos animais começaram a querer partilhar das refeições. Dessa forma, os roedores que antes se escondiam muito bem já não passavam tão despercebidos assim.

Barata de olho azul

A barata era mais uma dos companheiros inusitados de minha Bisa, e a mais famosa deles entre aqueles que escutaram suas histórias. Ela era especial, pois diferente dos ratos e das pulgas que eram um tanto mais inteligentes que o normal mas fisicamente eram como quaisquer outros de suas respectivas espécies, a barata, tinha olhos azuis. Ela se tornou a protagonista da história mais icônica e também a mais refutada dentre todas as outras, pois pulgas poderiam de fato incomodar e uma infestação de ratos também poderia acontecer dependendo das circunstâncias, mas como poderia uma barata ter olhos azuis?

Ironicamente, apesar de toda a repercussão gerada pela história, eu nunca a escutei diretamente de minha Bisa. Isso pois durante minha infância já haviam se passado muitos anos desde a primeira vez que ela narrou esses acontecimentos, e parecia ter sobrado da história, apenas contestações de sua veracidade e as reafirmações de minha Bisa.





De forma que a insistência, se tornou a própria história, e quando me deparei com esse relato enquanto criança, apenas tomei como verdade que para minha Bisa as baratas teriam olhos azuis.

Me perguntei no máximo como que ela teria enxergado os pequenos olhos das criaturas, uma vez que durante todo o tempo que a conheci sua visão já não era muito boa.

O que aconteceu, foi que um dia enquanto trabalhava precisou descer um lance de escada para resolver alguma demanda em uma parte escura da fábrica enquanto carregava uma garrafa de vidro de Sprite em suas mãos...

CRASH

Justamente por conta da penumbra do lugar acabou tropeçando e derrubando a garrafa no chão, que se espatifou e enquanto o refrigerante se espalhava pelo chão, saíram dos resíduos da garrafa várias baratas.

Mesmo na semi escuridão, minha Bisa afirma ter visto claramente que todas tinham olhos verdes. Então, aos leitores deste trabalho, se por qualquer razão algum dia tiverem o infortúnio de ver uma barata bem de perto, recomendo reparar em seus olhos.

Segundo capítulo

MEMÓRIAS EM QUADRINHOS

Durante conversas que tive com minha família sobre minha Bisa, algumas memórias sempre vinham à tona e no compartilhamento delas com eles costumava me surpreender ao descobrir que algumas dessas experiências, não foram só minhas. Eu sabia que minhas memórias com minha Bisa eram muito semelhantes às de minha irmã, Maria. Uma vez que temos idades próximas e ela está presente na maioria de minhas memórias de infância, mas mais de uma vez, ao compartilhar com minha família minhas ideias para as histórias deste capítulo, descobri que estas eram experiências semelhantes às que elas viveram também, principalmente minha mãe e minha tia.

Talvez isso não deveria ter sido uma novidade tão grande, mas me traz conforto saber que essas memórias não são só minhas e me motiva a reservar esse espaço para compartilhá-las. Tento fazer isso através de breves histórias em quadrinhos, um meio que acho perfeito para contar essas memórias e que apesar de ser meu formato preferido para ler histórias, eu nunca antes tinha o explorado pelo lado da criação.

Trago aqui cinco histórias/Memórias que tenho junto de minha bisavó e que são para mim muito especiais, elas não tem uma ordem cronológica específica e não lembro com certeza quantos anos tinha quando ocorreram, mas deixei a única que não se passa em minha infância para o final.

MANHÃS DE PISCINA



COTIDIANO

Naquela época morávamos em quatro, meus pais, minha irmã e eu.

Mas todas as manhãs quando acordava, meus bisavós já estavam por lá.

Ela costumava cantar quando descíamos as escadas.

Seguraaaa...

...na mão de Deus...

Segura na mão de Deus...

E gostava de nos mimar sempre que tinha a chance.

Quero Tetêêêêêêêê!!

A vovó vai fazer seu Tetê!

Eu quero que o papai faaaaz!

Agora tá na hora de vocês tomarem banho...quem vai ser a primeira?

FECHA

Eu nããããããoooo!!!!!

Alguém tem que ir...

Daqui a pouco a perua já passa!

Mas e se...

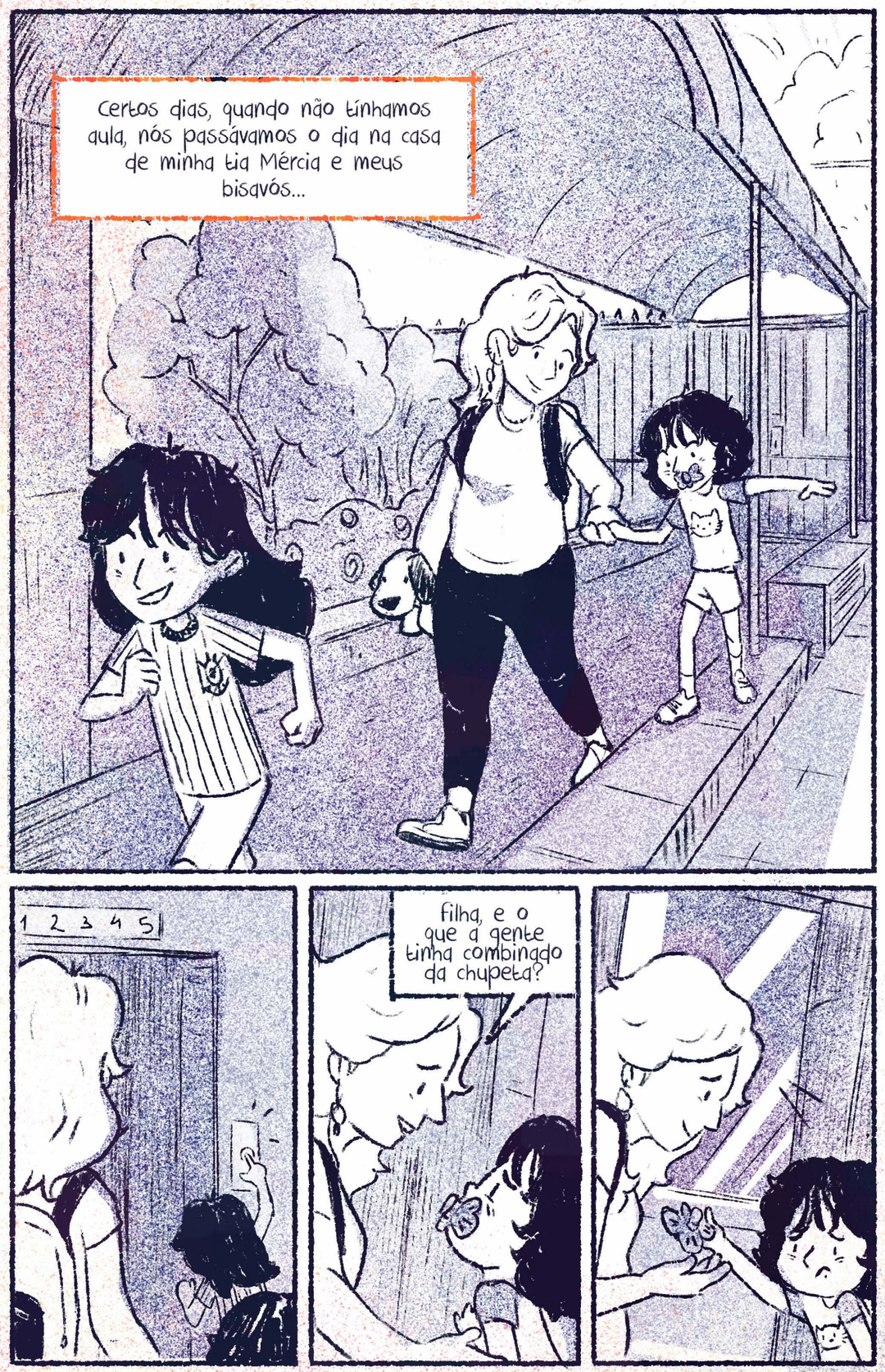
for de piscina...

Olhando para trás, é inegável que aproveitamos muito aquelas manhãs.

As vezes só acho uma pena,

elas terem passado tão rápido.

Coleção de Chupetas



Eu gostava de passar as tardes lá.

Deem oi pra vó de vocês!

Oiii vó !

Oi vó...

pois eram tranquilas e minha Tia tinha muitos brinquedos guardados.

Porque a Nenê tá triste?

minha mãe pegou a chupeta dela...

Como assim tirou a chupeta dela...ela ainda é tão Nêne...

Minha irmã gostava por um outro motivo...

vem aqui com a vovó rapidinho.

vó?!

No quarto de minha Bisa tinha uma cômoda.

vó?!

e na primeira gaveta, um estoque infinito...

Ahd!!

De CHUPETAS!!

Vó!!?

Minha mãe falou que era pra Ma parar de chupar chupeta!!

É só mais uma, essa aqui vai ser a última!

Obviamente não foi a última...

Teve mais uma.

e outra, e mais muitas outras...

Não acabam nunca?!

2020

Tá no cantinho da gaveta.

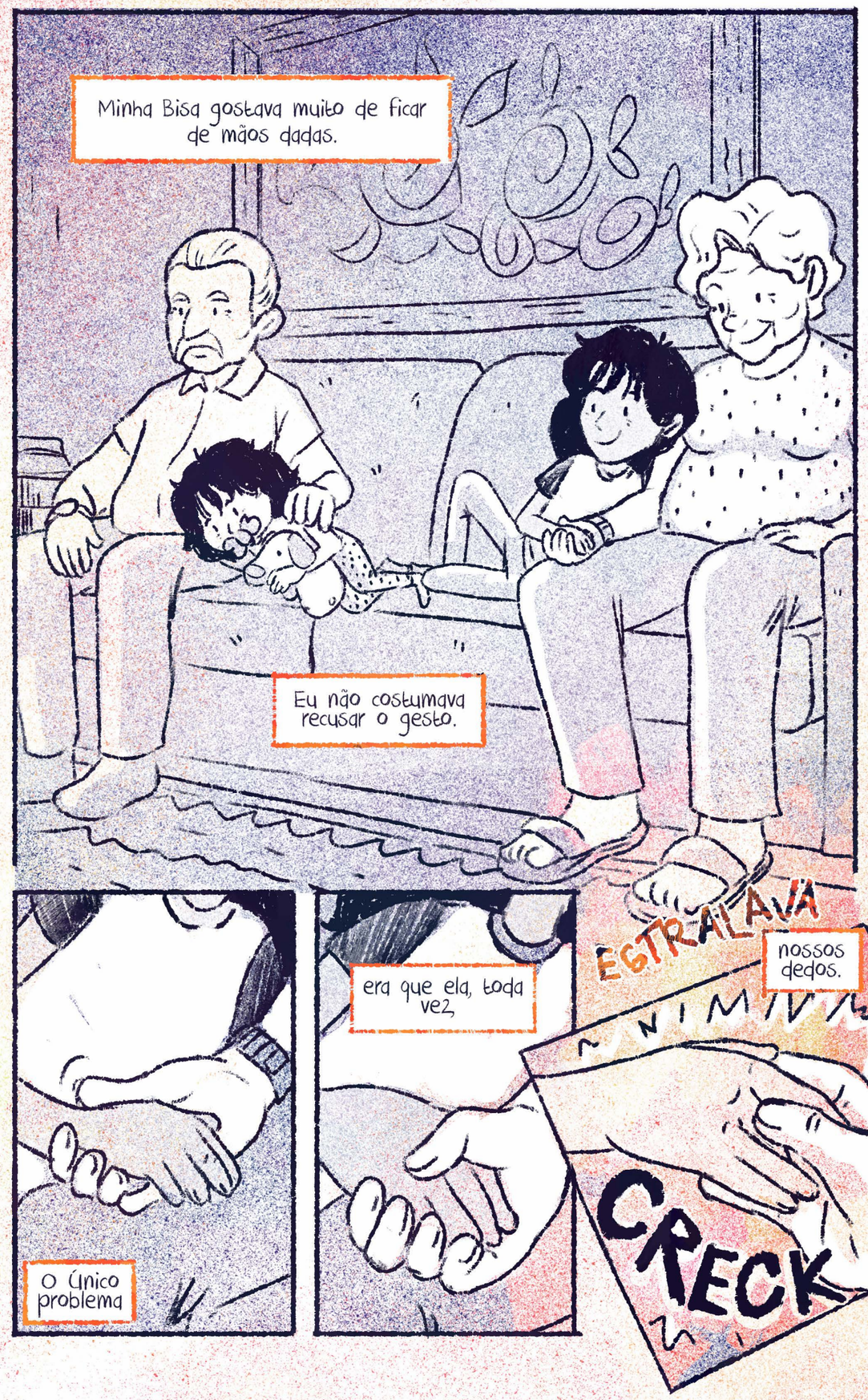
Achou?

Achei!

Porque que se ta séria ai?

nada não, só tava olhando suas roupas

DEDOS ESTRALADOS

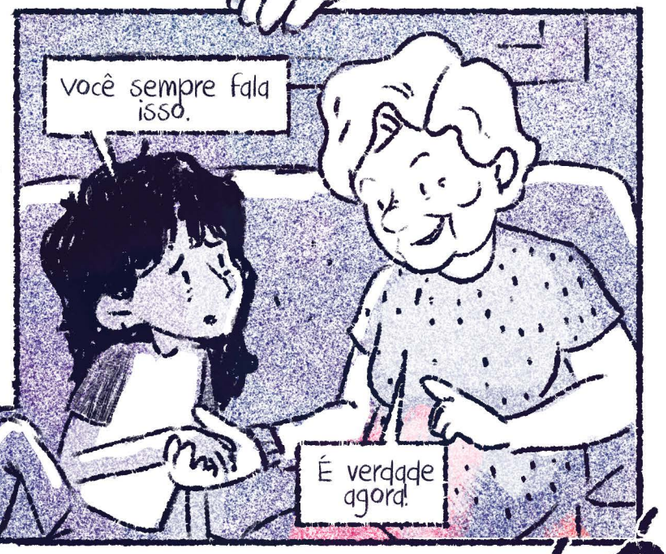


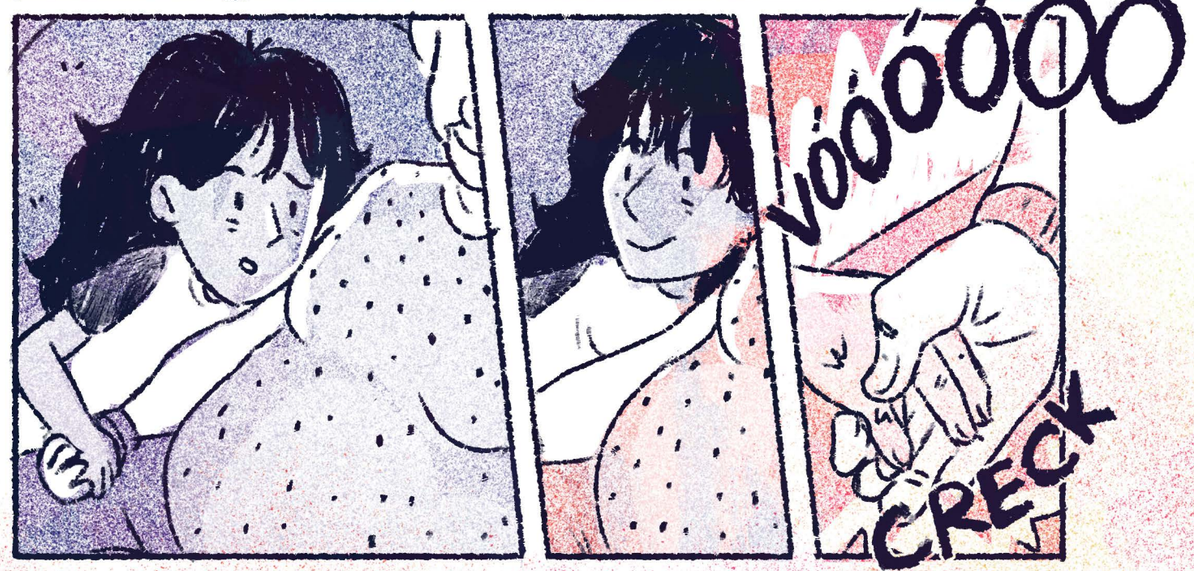

AIIIIIII


Assim dói!!


Pode dar a mão de volta, não vou mais fazer...




Você sempre fala isso.
É verdade agora!


VOOÓÓÓÓÓ
CRECK

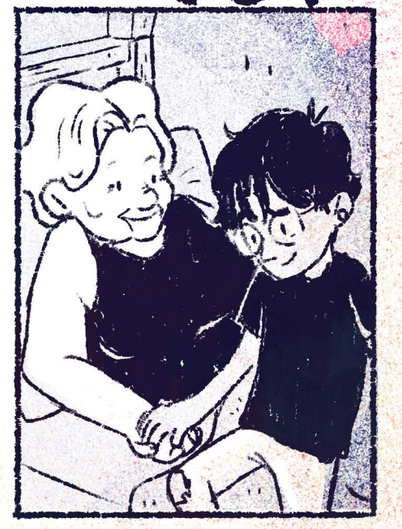

TRECK
Com o tempo...


CRECK


CRACK

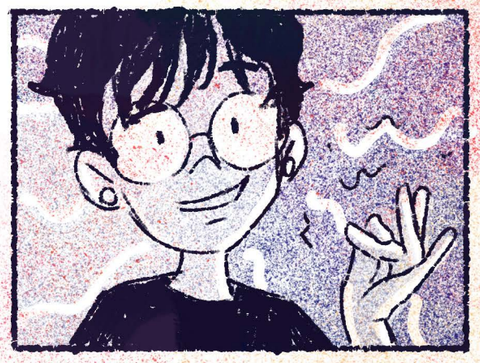

TRECK
CRACK
TECK
TECK
TRECK
TRECK
TRECK
TRECK
TRECK
TRECK
TRECK


Pelo menos menos em relação a isso, eu fiquei um pouco mais esperta.

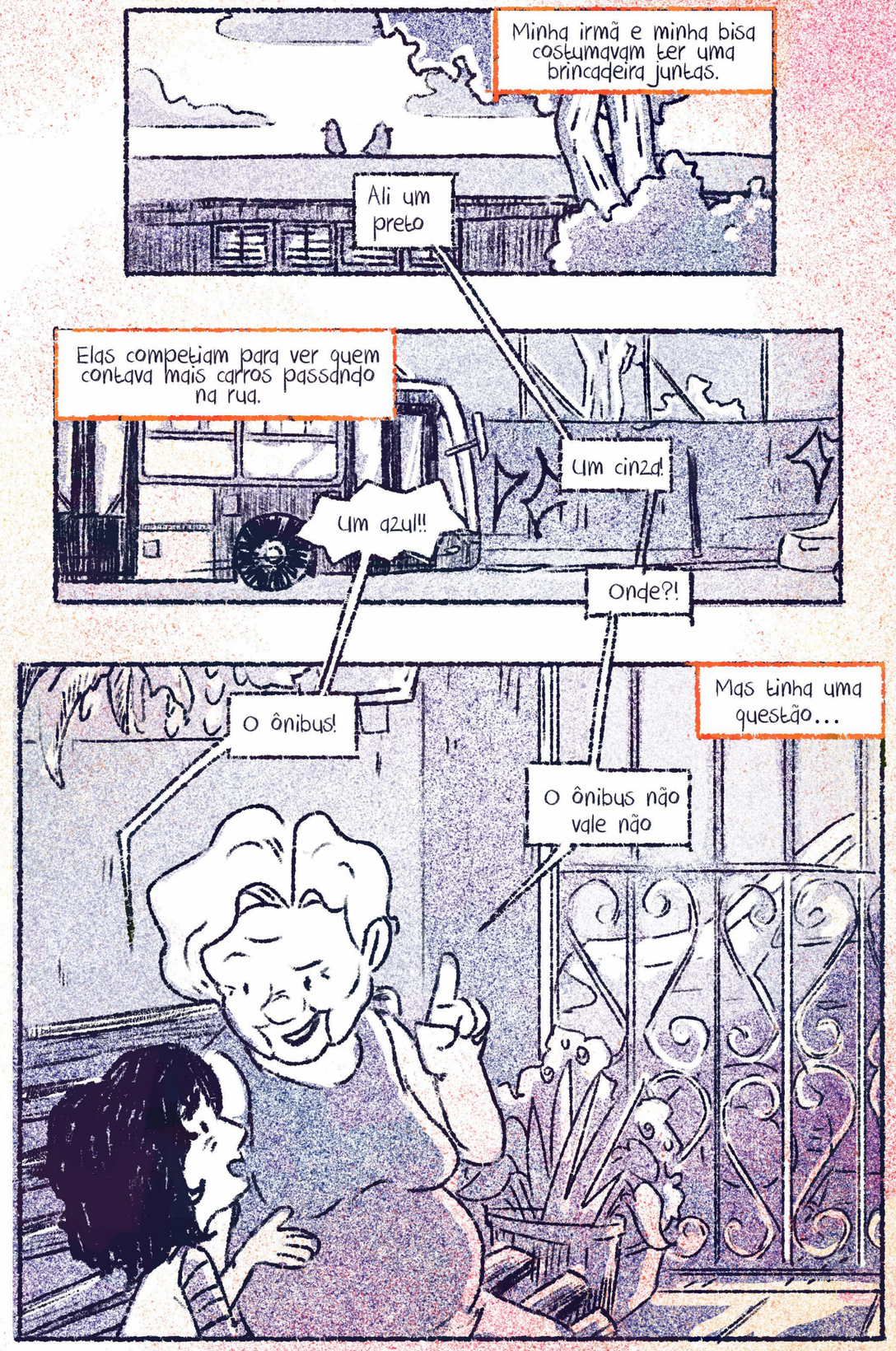





?
?



Competição de Contar Carros



Cada uma podia contar os carros de determinadas cores...

Quantos você contou?

Acho que 7

Nossa só 7? Eu contei 43.

E enquanto minha bisa contava os pretos e cinzas.

Mas você sempre ganha vó, acho que se tá roubando!!!

Minha irmã contava os vermelhos e os azuis.

"Nãaaao, hoje eu só dei sorte, ontem passaram várias cores de carro aqui.

Da próxima acho que se ganha em.

Vamos começar de novo, tá bom?

Beleza!

Tipo, eu até entendo o porquê de você escolher azul e vermelho, são cores mais legais mesmo...

Mas alguma vez você já ganhou?

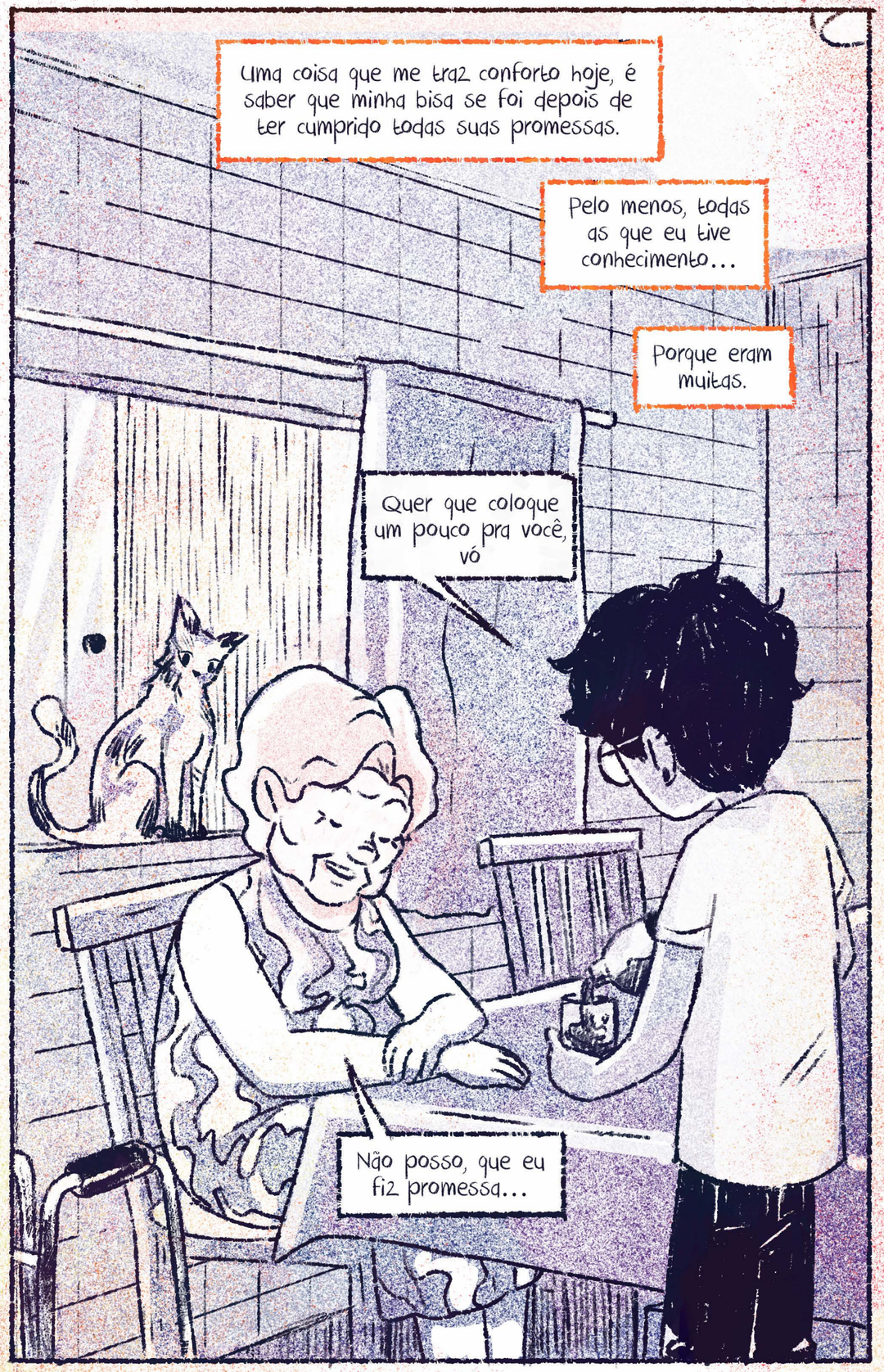
Sabe, pensando agora...

Eu acho que nunca hahaha.

Um azul!!

O ônibus não vale não

PROMESSAS CUMPRIDAS



Vó, se não vai querer sorvete mesmo

Não, que sorvete agora eu não posso também.

Se não vai mais cortar o cabelo não? se quiser eu corto pra você...

Vou deixar crescer agora, que eu fiz promessa

Mas se faz muita promessa, eim? é de que essas promessas?

Mas a promessa que fico mais aliviada de ter sido cumprida foi uma que ela fez em nome da minha irmã...

Biiiiiiiaaa!!!

Ah é de Tudo, do seu pai, da tia, da sua mãe..." "Mas falando em promessa,

Faz um favor pra mim...

Fala pra sua irmã que ela tem que ir na igreja de santo expedito

que a vó fez promessa la quando ela tava doente

Mas não pode esquecer viu.

tá bom, vou falar pra ela.

Que foi?

Vem ajudar a colocar a mesa.

Ma, a Vó falou que eu tinha que te lembrar de uma coisa muito importante

Eita! que que ela disse?

Ela falou que se tem que ir na igreja de santo expedito, para cumprir a promessa.

Para cumprir a promessa que ela fez quando se tava doente

?

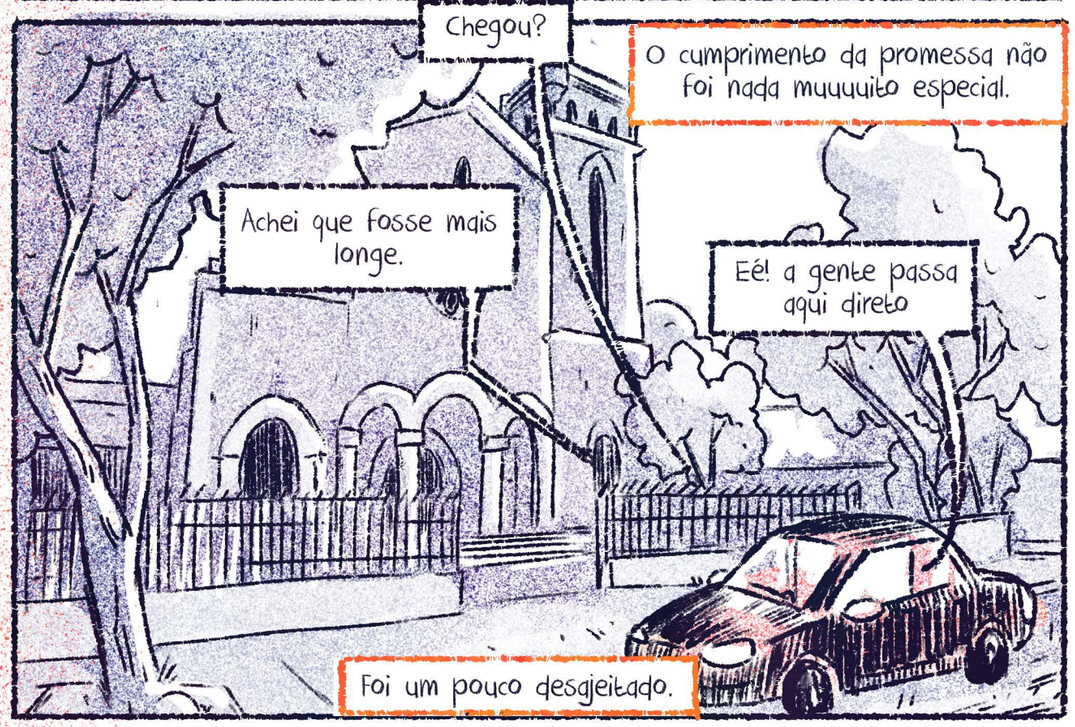
HAHAHAHAHAHA

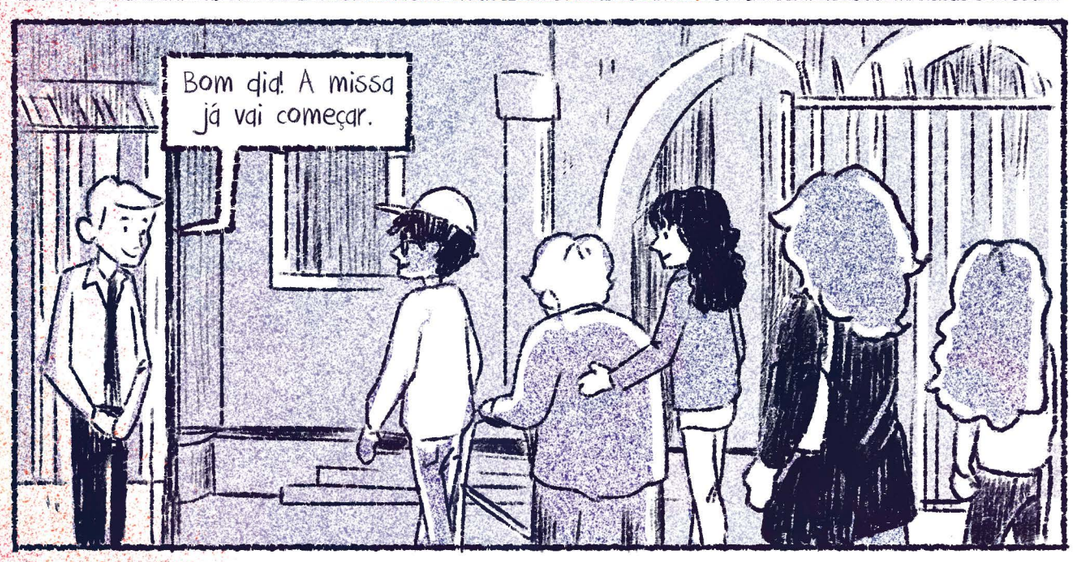
É que só faltava você vir me falar disso...

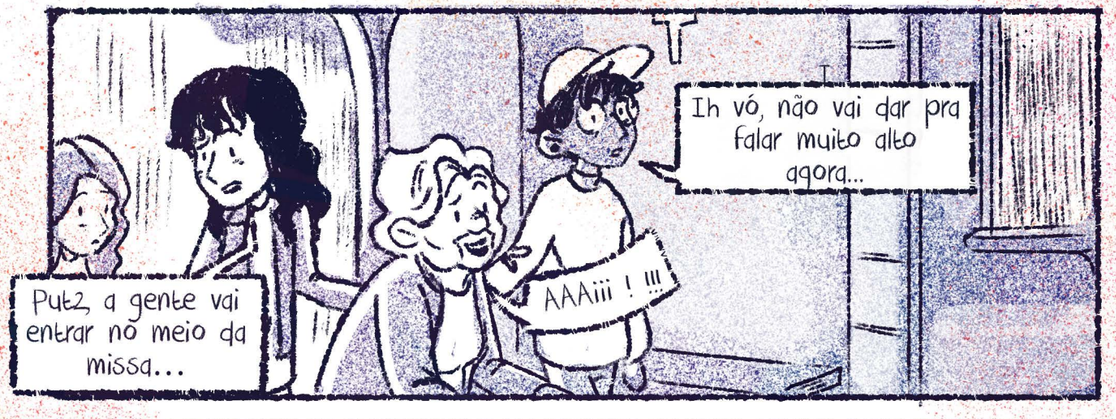
ela já pediu pra todo mundo me lembrar.

o pai, a tia, a mãe o dito... só faltava você


Demorou pelo menos 16 anos para a promessa ser cumprida...


Chegou?
O cumprimento da promessa não foi nada muuuuito especial.
Achei que fosse mais longe.
Eé! a gente passa aqui direto
Foi um pouco desajeitado.


Bom dia! A missa já vai começar.


Ih vó, não vai dar pra falar muito alto agora...
Putz, a gente vai entrar no meio da missa...
AAAiii ! !!!


Que que eu faço agora?
Puts sei lá, acho que reza um pai nosso.
Mas foi um dos últimos passeios que demos com ela.


Ai, mas a vó tá muito feliz que a gente veio aqui viu, que eu não ia falar nada não
Mas a vó não ia pra um lugar bom se a gente não viesse aqui.


Como assim! Vó?!
E aparentemente, o ticket de entrada dela para o céu.

Terceiro Capítulo

Comos e Porquês

Este terceiro capítulo é dedicado a contar os processos desse trabalho, mostrando um pouquinho de como foi sua construção, como foi elaborado e o porquê de algumas escolhas.

Entendo também que ele foi desenvolvido principalmente a partir de diálogos e por isso começo o capítulo com duas transcrições de conversas que tive, uma com minha bisa, quatro dias antes de ela falecer e a outra com minha família, um ano depois do ocorrido. Em seguida trago um pouco do levantamento de referências que fiz para desenvolvê-lo, passando por ilustrações, pelas referências de páginas de quadrinhos, Artbooks e de livros ilustrados e também por alguns dos lugares que apareceram nas histórias. E por fim mostro alguns elementos gráficos que desenvolvi e como os apliquei nas histórias e no corpo geral do trabalho.

Não chego nem perto de mostrar o que foi o processo completo de criação, até porque acho que isso, pensando em limitações de tempo principalmente, está perto do impossível. Mas é uma maneira de compartilhar pelo menos um pouquinho do que foi criado. Ponto também, que os comentários que trago aqui são uma explicitação do meu processo, e não uma análise sobre as especificidades da ilustração e do quadrinho como linguagem.

Conversa de 7 de abril de 2023





Cozinha, no pós almoço do feriado de sexta feira santa. Enquanto Tia Pri lavava a louça e o Dito fazia uma caipirinha de limão, eu, Maria, Vó Maria, Tia Mércia e minha Mãe estávamos sentadas à mesa.

Tia Mércia: Eu lembro da história da avó da pulga. A gente morava na rua Ana Lins e ela trabalhava no Lauzane paulista.

Aí ela ia contando a história que ela ia conversando e a pulga ia pulando na frente dela até ela chegar na fábrica, e a pulga, não, a barata tinha olho azul a pulga não, ela quando chegava lá dava comidinha para os ratos que ficavam embaixo das mesas da estamparia.

Era hilária a história da pulga, ela ia sustentando a pulga, conversando com ela até chegar no trabalho dela, e o caminho era longo, viu!

Vó Maria: E ela era moça.

Tia Mércia: É, se bem que a vó era moça naquela época né, há 50 anos atrás!

Eu: Onde era a Fábrica?

Tia Mércia: A fábrica era ali onde era...na rua...

Vó Maria: Não tem o Extra? A rua era do lado.

Eu: que Extra?

Tia Mércia: Como era o nome da avenida ali?

Mãe: Não era a Engenheiro?

Vó Maria e Não!

Tia Mércia: É esquina com a Engenheiro, é a...

Vó Maria: A do Andorinha, como chama aquela avenida? A conselheiro.

Tia Mércia e Mãe: Conselheiro Moreira de Barros!

Eu: É porque as histórias que ela me contou pareciam atualizadas sabe, e aí já era outra fábrica.

Mãe: É que aí já era a da Mooca.

Tia Mércia: Não, as histórias que ela contava pra você eram as histórias da Mooca, só que essa fábrica que era aqui na Conselheiro mudou para a Mooca, o patrão era o mesmo!

Eu: ah!

Tia Mércia: quando ela começou a fábrica era aqui na conselheiro então...

Tia Pri: Eu já fui várias vezes com ela na fábrica da Mooca.

Mãe: Eu já fui várias vezes também!

Tia Mércia: Então... mas as histórias da barata de olho azul, da pulga que ia conversando com ela, do rato era tudo aqui nessa fábrica aqui.

Eu: É?! que ela me contou sobre a fabricá lá.

Tia mércia: Ah, mas lá ela tinha outras pulgas, outras baratas e outros ratos!

Eu: Então aconteceu tudo de novo, só para ela contar de novo!

Mãe: Mas tinha uma coisa, que era longe sabe. Porque lembra que ela contava também umas histórias que aconteceram no parque Dom Pedro. Quando ela atravessava o parque Dom Pedro para pegar o outro ônibus, que aí a pulga seguia ela no parque Dom Pedro.



Vó Maria: É vai ver que era isso.

Tia Mércia: A pulga, a pulga era amiga dela!

Maria: O que ela contava pra mim, é que a pulga ficava perseguindo ela na mesma praça que era onde a gente morava, sabe? que tinha a praça na frente e tinha uma pulga que ficava lá com ela. Que era a mesma praça onde toda quarta feira o Joãozinho e a Maria, que ela dava sopa pra eles.

Vó Maria: Ela tinha uma mente muito...

Tia Mércia: Fertil!

Vó Maria: Como?

Tia Mércia e Tia Pri: Fertil!

Maria: A do João e da Maria, tia, eu já ouvi de vários jeitos, que ela alimentava eles dando sopa, que ela alimentava no serviço. A da sopa era toda quarta-feira, meio dia. Eu não sei como a gente acreditava, porque a gente tava lá com ela toda quarta feira ao meio dia. Mas ela falava que eles vinham lá no portão e eles

vinham buscar marmita de SOPA, toda quarta feira.

Vó Maria: Ah, a gente acreditava porque a gente era criança.

Mãe: O João2inho e a Maria?

Maria: Da onde ela tirava essas crianças hahaha

Eu: O João2inho e a Maria eram muito talentosos meu, eles seguiram ela pela cidade.

Vó Maria: Ah, seu Avô também, diz que um dia o avô... como que é aquela história que ela dava corda na orelha do vô?

Tia Mércia: O vô, Ah o vô dormia do lado da cama que tinha o criado mudo né, e aí ela dava corda no relógio para dormir. Ai diz que teve um dia que ela começou a dar corda no relógio e o vô "queta Ana, queta Ana", ai quando foi ver ela tava dando corda na orelha do vô. A corda ao invés de ser no relógio hahahaha...aí o vô quando foi sair correndo da cama, caiu bateu o nariz no criado mudo...

Vó Maria: Saiu de madrugada e foi pro pronto socorro.

Tia Mércia: Fez um corte aqui no nariz, que o nariz do vô era avantgjado né! cortou aqui, tiveram que ir pro pronto socorro. Essa história ela morava lá na dona Nazaré, né.

Mãe: E a história que ela quase deu uma tesourada no olho do vô, não tinha uma assim?

Vó Maria: Ai essa eu não lembro não.

Tia Pri: Essa eu não lembro!

Mãe: Será que... ai deve ser da minha fantasia.

Dito: Se sua mãe fala disso comigo, dá um susto.

Maria: Deve ser da fantasia da vó.

Mãe: E os ratos da fábrica?

Tia Mércia: Ela sustentava os ratos, as baratas!



Maria: E uma vez que ela me contou que ela viu passando também, cinco pessoas em cima de uma moto.

Dito: Se a moto for espaçosa...

Mãe: É verdade!

Dito: Vai saber como era a moto.

Vó Maria: o que?

Mãe: ela viu cinco pessoas em cima da moto.

Vó Maria: CINCO PESSOAS?!

Maria: E ela contou pra Lais essa, aí a Lais sentou do lado dela e ela falou "hoje de manhã passaram cinco pessoas em cima de uma moto ai", e a Lais acreditou.

(Risadas)

Maria: Nessa descidinha aqui da Mendonça.

Mãe: E os paquera dela, que ela falava que os homens tudo paquerava ela.

Tia Pri: Ah mas ela era fogosa.

Maria: tem que colocar a da patente também!

Tia Mércia: essa ai eu não lembro.

Mãe: Ah da patente! a da patente era boa!

Maria: A história é que ela pegou meus desenhos, foi dar pra uma estilista famosa do Brás, e a estilista queria comprar meus desenhos de criança. Só que só não comprou porque não tinha patente. Porque eu não tinha patenteado eles.

Mãe: Aí ela dizia assim que a japonesa falava "mas tem patente?". Seis nunca ouviram ela contar essa história?

Maria: toda vez que ela me via ela falava "Tem patente?"

Vó Maria: É que depois ela já não falava muito na nossa frente que a gente já não dava mais atenção, agora para as meninas não, para as meninas era tudo novidade.

Eu: Só que as histórias que ela me contava ela contava várias vezes, só que ela atualizava, eram todas versões atualizadas. Tipo a da pulga, a última vez que ela me contou a história da pulga, não era que a pulga seguia ela até o trabalho ou seguia ela por aí. Ela dizia que na verdade ela tinha mentido pra mim, que a pulga não seguia ela, é que ela tava incomodando ela e pulando no corpo dela assim. Aí ela ficou muito irritada e pegou a pulga na mão e foi lá da fábrica da Mooca até aqui em casa com a pulga na mão assim!

(Risadas)

Eu: Porque ela ia espremer a pulga quando chegasse em casa. Só que quando ela

chegou em casa e aí ela foi espremer a pulga, aí a pulga fugiu.

(Risadas)

Vó Maria: Ah para!

Tia Pri: Essa eu não sabia mano!

Eu: Pra mim, era isso!

Mãe: E a barata de olho azul?

Maria: A da barata ela mudou! mas ela contou pra todo mundo a mesma coisa, que ela mudou a história. Que era a mesma história mas que na verdade ela derrubou uma garrafa de coca e saiu um monte de barata.

Eu: de Sprite!

Maria: De Sprite, Lembra? que ela contou aqui na mesa pra gente.

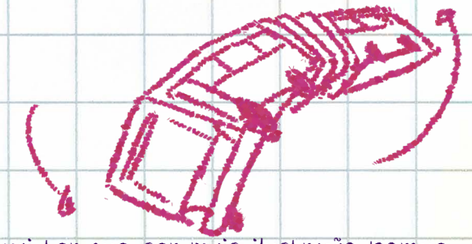
Mãe: Mas antes essa barata de olho azul ia seguindo ela também, no Parque Dom Pedro, não ia?

Eu: A barata também seguia?

Tia Mércia: Ah mas a vó tinha umas histórias mirabolantes.

Maria: Teve uma vez, um pouco antes de ela morrer, que a gente tava falando da barata e ela falou assim "aquilo era mentira", o que aconteceu foi que ela tava na fábrica, tudo aconteceu na fábrica. Aí ela tava com uma garrafa de Sprite que ela derrubou no chão e começou a sair um monte de barata. De olho verde! não era de olho azul!

Tia Pri: Não era qualquer barata, gente.



Maria: E o ônibus da Tia Antonia.

Mãe: E o ônibus que capotou cinco vezes!

Vó Maria: Ave Maria!

Eu: Eu escrevi essa já, mas eu acho que essa vai ter que ser mais ilustração porque ela é muito curta, que é só o ônibus capotou 3 vezes na virada da...

(Risada)

Maria: E pergunta pra Tia Antonia!

Mãe: Mas a vó tinha isso né, que o vô era muito calado né e aí tudo que ela falava, que ela contava várias mentiras o tempo inteiro...

Tia Mércia: "Né Dico!"

Mãe: E ela dizia "Né Dico?" e ele fazia assim...

Tia Mércia: E o Dico "É Ana".

Tia Pri: Outra que ela falava era assim "O Dico gosta de sarsicha."

Mãe: A vó não gostava de cozinhar e aí ela fazia salsicha. Tinha o dia certo assim, então sábado era dia de fígado com...

Tia Pri: Cebola e tomate.

Mãe: Cebola que a Chiquinha comprava, aí ela comprava o fígado e tal, mas à noite ela fazia sempre macarrão com salsicha. E a gente chegava e qualquer dia da semana era macarrão com salsicha.

Tia Mércia: Mas aquele macarrão que ela fazia com carne também era uma delícia né.

Mãe: com músculo, nossa!

Tia pri: Era o único que eu conseguia comer.

Tia Mércia: Aquele macarrão...

Vó maria: E a sopa de grão de bico, que eu tenho saudade.

Tia Mércia: Ela fazia um macarrão com músculo, nossa, e a sopa, ela falava puchero né, mas não era um puchero, puchero é outra coisa. Era o grão de bico com carne. Nossa era uma delícia.

Mãe: E aí chegava lá e a gente dizia "nossa vó pelo amor de deus, salsicha de novo" e ela dizia "Mas o Dico gosta da salsicha". Mas ele dizia eu gosto né, ela dizia que gostava.

Tia Pri: Ele gostava mesmo, coitado.

Vó Maria: E fora quando o Franquinho tava aqui fazendo uns quadros pro Ronaldo tudo, aí o Franquinho que contava pra gente, que ela fazia salsicha e diz que ele falava "Sarsicha não Ana", aí isso virou história. "Sarsicha não Ana". Ela fazia e achava que o vô tava adorando né.

Eu: Coitado do vô.

Vó Maria: Coitado do vô, "Não, Salsicha não Ana".

Maria: Mas eu tava falando pra Bia, que eu lembro de algumas histórias, mas que

eu tenho mais lembranças, do "Seguuura na mão de deus", que toda vez que eu acordava lá na casa eu descia com o corrimão e com a fralda.

Eu: E com a chupeta.

Maria: E toda vez que a vó me via na escada, até aqui, ela começava a cantar "Seguuura na mão de deus".

(Risadas)

Tia Pri: Eu tenho a imagem de você descendo aquela escada lá

Eu: Eu também.

Mãe: Descabelada...

Maria: Eu lembro agora da do Pierre, que eu acho que nem entra, mas ela me contou essa história umas três vezes antes de ela falecer.

Mãe: Do Pierre?

Maria: Na que o Pierre deu um soco na cara do pai, porque ele estava abandonando a faculdade.

[...]

Maria: O Pierre parece um personagem fictício pra mim. Eu só lembro que nessa história ele não tava indo pra faculdade, tava usando o dinheiro do pai né, o dinheiro que era pra pagar faculdade pra gastar. O Pierre que deu um soco na cara do pai.

Vó Maria: Foi! O seu Jorge deve ter descoberto.

Eu: É, ele ficou muito bravo e o Pierre deu um socão nele. Eles brigaram muito feio e o Pierre deu um murrão.

Maria: Nossa a vó demorou três horas pra me contar essa história, eu lembro.

Eu: Não, mas essa era comprida. E ela falava que ela ligou pra esposa do Seu Jorge, e a esposa do seu Jorge ficou muito agradecida.

Vó Maria: Não e outra! Essa aqui é boa! Um dia esse povo lá do seu Jorge, a família do seu Jorge comprou uma peça de flanela pra fazer pijama. Aí chamou a vó pra fazer, que a vó sabia costurar mais ou menos. A vó pegou uma peça e cortou tudo de pijama, fez os pijamas. Aí quando a dona ... ai como ela chamava?

Mãe: Marina, Dona Marina.

Vó Maria: É, quando a dona Marina chegou lá que viu falou "Não Dona Ana, era só um pijama pra senhora fazer!", "A senhora não falou nada, aí eu fiz todos". Imagina que numa tarde ela ia conseguir fazer uma peça de quarenta metros de pijama.

Mãe: E fora que ela tinha estoques e estoques de tecido que ela roubava da fábrica.

Vó Maria: Isso até hoje!

Maria: Tem? eu quero ver!

Tia Mércia: E quando a gente trabalhava na cantina, ela ficava lá em casa com a chiquinha para fazer o Pedro e a Mariana dormir. Aí segurava a mão do Pedro e cantava todas as músicas, que o Pedro escolhia a música que queria. Aí quando ela ia largando a mão dele ele dizia "To cordado"..

Vó Maria: Aí ela começava tudo de novo.

Tia Mércia: É aí começava de novo, ela dizia "qual música?", "não essa não, quero a outra", aí tinha o que ele queria. Terminando de cantar, ia saindo devagarinho, "To cordado". Até hoje ela falava né.

Mãe: Ela também mandava o vô ir caçar moranguinho com a Mariana, lembra?

Tia Mércia: É, aí o avô plantava moranguinho lá...

Tia Pri: Um pra cada um de nós.

Tia Mércia: Lá no jardim, aí falava "vai com o vô Dico pegar morango lá no quintal", aí eles iam lá pegar os morangos direto da terra.

Tia Pri: Mas ele cultivava a semana inteira pra no fim de semana ter um morango pra cada um dos netos, nós.

Maria: Do Vô Dico também, eu lembro só das uvas.

Mãe: Eu lembro que a vó tinha um ódio de mim, um ódio de mim, porque a vida dela era esperar o aniversário da gente pra ir comprar um presente. Mas era o presente que ela queria, no lugar que ela queria. E aí ela queria morrer, que ela queria dar a mão pra gente, e a gente não dava a mão, a gente andava assim ó, e ela dizia "essas meninas são muito mal criadas" e aí ela ficava puta, porque eu não queria as roupas que ela queria comprar, e aí né mãe, morria de raiva.

Vó Maria: O pior que era, era a felicidade dela.

Maria: O que ela sempre falava é que eu tinha que bordar toalhas para vender na

feira.

Mãe: Outra coisa que era legal era que ela juntava dinheiro o mês inteiro pra poder levar a gente no Mapping, que só no Mapping tinha um Mcdonalds muito caseiro assim, que era uma lanchonete. Era ali nas Casas Bahia do Teatro Municipal. Aí era a vida dela se organizar e levar eu e a Priscilla pra comer lá. Nem tinha os da tia Mércia ainda. Levava a gente lá pra comer hambúrguer no Mapping. Aí a gente subia e descia as escadarias. Era o passeio da vida. Ir no Mapping pra comer hambúrguer.



Tia Pri: Era mesmo o passeio da vida.

Mãe: Mas o prazer dela era dar a mão pra gente.

Vó Maria: Aí ela até hoje, não era só com vocês duas, com os quatro, os netos todos, porque ninguém dava a mão pra ela. Porque não tem mais essa...

Maria: Com a gente ela gostava também, eu lembro que ela ficava estalando os nossos dedos.

Eu: É que quando a gente era pequena a gente não passeava por aí, que ela já tava de bengala né, mas a gente dava a mão pra ela sentadas do lado.

Maria: É verdade, que com a mão ela sempre quis dar, porque toda vez que a gente sentava do lado, até mais velha assim, a gente tava do lado dela, ela sempre pegava na mão. Aí ela estalava meu dedo e eu tirava, aí ela falava que não ia estalar e estalava de novo. E olha que quando colocava o pé no colo dela ela fazia a mesma coisa.

Vó Maria: Igual quando vocês deitavam e ela ficava fazendo massagem nos pés.

Eu: Mas no meu ela nunca fazia massagem não, ela só estalava os dedos mesmo.

Vó Maria: A Sofia eu lembro que ela fazia massagem.

Eu: Aí a Sofia é folgada, todo mundo fez massagem nela.

Vó Maria: E outra coisa. No dia que ela morreu antes de a gente ir viajar, lembra que seis vieram aqui? Ela ainda ficou conversando com a Bia aqui, não sei se com a Maria também na cama, pegou nas mãos das meninas...

Mãe: Antes da gente ir?

Vó Maria: Isso antes de ir.

Eu: Mas ela ficou mesmo.

Maria: Mas uma semana antes de ela morrer, eu fiquei a tarde inteira com ela, só que aí ela não me contou nenhuma história. Ela me contou o plot do Clone inteiro e depois a gente ficou a tarde inteira mandando eu pesquisar a idade de famosos.

Mãe: E tinha umas coisas que ela... Eu gostava muito de dormir na casa dela. Quando eu era pequena assim. Era o prazer da vida.

Eu: Mas a história da barata, ela não tem origem? Era só uma barata de olho azul?

Mãe: O que que ela fazia? A barata?

Tia Mércia: Ela cuidava da barata, ela não matava. A barata vivia debaixo da mesa em que ela trabalhava.

Vó Maria: Era amiguinha dela!

Eu: Aé? Mas isso eu nunca ouvi falar!

Tia Mércia: É, a barata, os ratos e a pulga, ficavam tudo embaixo de onde ela trabalhava. Ela cuidava deles.

Maria: Era a fazendinha de insetos dela.

Eu: Porque os ratos ela tinha me contado que ela tomava conta, e aí eles tavam com muita fome e ela começou a dar metade da marmita dela pra eles.

Tia Mércia: Ela dava marmita pra eles...

Eu: Aí uma hora começou a juntar rato e o seu Jorge foi falar pra ela que tava dando infestação de rato na fábrica, e ele ia se livrar dos ratos. E aí ela fez a sonsa e ficou tipo "nossa mas como assim infestação de ratos, da onde que eles tão vindo?"

Vó Maria: Mas acho que era tudo invenção isso.

Tia Mércia: Ah, com certeza! a vó tinha uma mente muito fertil.

Maria: Não, ela tinha. Mas o que eu acho impressionante é que é uma mentira que ela contou a cinquenta anos atrás, e que até hoje ela mantém...

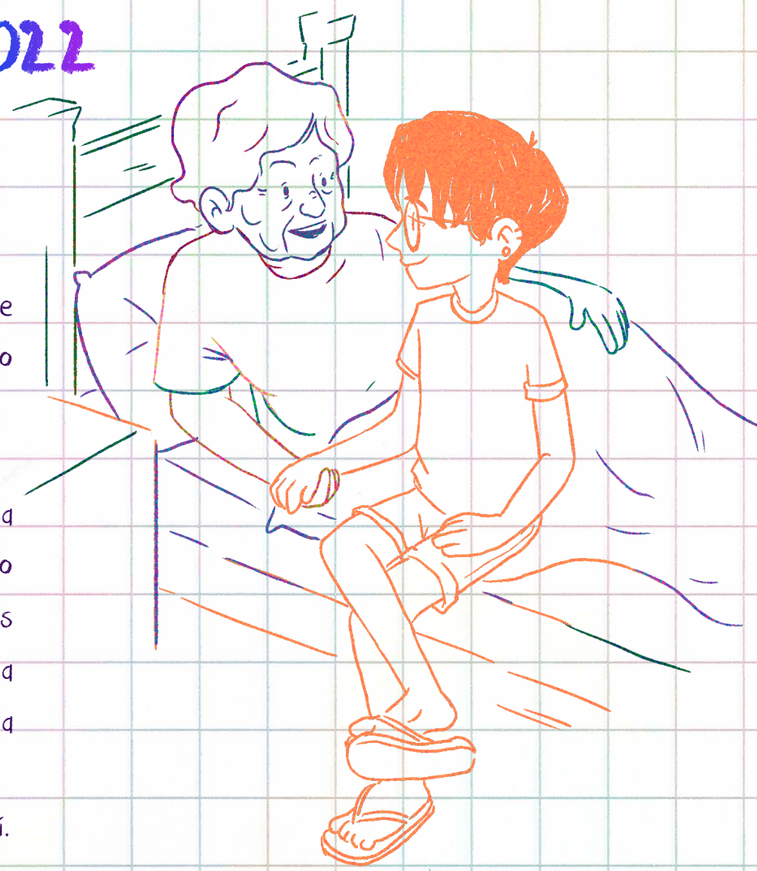
Tia Mércia: Mantém!

Maria: Tipo, como que ela se lembra? da mentira que ela contou.

Mãe: Sim, de sustentar a história né.

Tia Pri: E sustentar a mesma história!

Conversa de 17 de abril de 2022



No quarto da minha bisavó, no domingo, próximo ao horário do almoço.

Bisavó Ana: Ai então tinha uma briga de pessoa no chão, pessoa, em frente ao correio.

Eu: uma briga?

Bisavó Ana: Uma briga de dois, por causa de tanto assim de chão, um pegou o espaço do outro de vender daquelas barraquinhas. que eles punham no chão a barraquinha, vendia meia, vendia CD, vendia tudo essas coisas...

Eu: Ahh sei como são, ainda tem por aí.

Bisavó Ana: Por causa de um espacinho assim que um tomou do outro, foi lá, deu uma facada. Matou o homem.

Eu: Morreu!?

Bisavó Ana: Morreu na hora. Eu tava ali no correio, menina ...mas eu fiquei vendo aquele homem. Sangue escorria. Aí ele correu, mas a polícia pegou ele, que ali sempre tem polícia. "Ele pegou meu espaço" Se tivesse pegado dois metros assim, mas um tantinho assim. Mas o de cá pegou espaço dele e ele matou o homem. Quando eu ia na feira eu morria de medo, quando eu punha minha barraca.

Eu: Mas ninguém ia te esfaquear na feira vó, pelo amor de deus né.

Bisavó Ana: Mas por causa do espaço eles briga.

Eu: Mas a Bete ia brigar com você?

Bisavó Ana: Então mas eu não tinha só a feira da Bete, eu tinha a semana todd!



Eu: Aé! É que a gente só ia te ver no sábado, né!

Bisavó Ana: Eu fiz feira no Pacaembu, eu fiz feira no dos Bancários, eu fiz feira na Vila Carrão. Aí tinha uma feira que era atrás do hospital... é...São Camilo, mas era lá na Lapa.

Eu: O da Pompéia?

Bisavó Ana: É!

Eu: Ata! Então sei qual é.

Bisavó Ana: Ai nessas tinha o Seu... O Seu... ai esqueci o nome do veio. Ele vinha assim "Dona Anna tem uma feira assim e assim, e lá vende bem", Aí pegava nós dois, e o veio com os panos de prato debaixo do braço e eu com aquela sacola. Tinha umas toalhas que a gente chamava de bordado de mão, chan.. feio a mão, Aí era de um saco aberto, ainda tem aí, com um desenho em firme sabe. Bem forte. Ai eu sempre levava uns dez, pano de prato eu levava mais. Quando chegou lá a menina as mulherada investiu, comprou, vendeu todos os pano desses, os estampados a mão. Pano de prato elas compravam de qualquer pessoa que passava. Nossa! Seu Pereira!

Eu: Seu Pereira!

Bisavó Ana: Ai ele faltou um tempão na feira, eu mandei rezar missa pra ele! hahaha

Eu: Porque?! Se achou que ele tinha morrido?

Bisavó Ana: Eu pensei, por que ele faltava na feira. Aí quando ele chegou eu falei "Seu Pereira, o senhor não morreu?" Aí ele disse "Se tivesse morrido eu não tava aqui" e eu falei "mandei rezar a missa pro senhor!", "Ah Dona Anna, a senhora é de morte!".

Eu: Ta matando o homem antes de ele morrer!

Bisavó Ana: Aí tinha outro na feira de sábado, só que o Pereira não ficava perto de mim, que eu atrapalho a venda né, aí de sábado tinha outro com os pano no braço assim. Aí quando ele passou eu falei assim "vendeu bem?", aí ele "Ah eu vendi, mas se fosse a senhora aqui né!"

Eu: Ui, ui!

Bisavó Anna: Hahahaha, isso é coisa que se fala? Aí falei "Mas eu tenho as minhas

freguesas" falei "O senhor anda na feira, a feira inteira te ve". Ah, a vó ja fez cada uma na feira.

Ai a vó passava no Mapping, tinha cobertor...

Eu: Na onde?

Bisavó Ana: No Mapping, nem sei se tem mais Mapping.

Eu: Num sei também não.

Bisavó Ana: E eu na São Bento. As toalhas brancas e os cobertores xadrez. Os cobertores custavam 15 reais cada um, se fosse comprar na ...na ... dava por 4 reais, mas eles vendiam só dois cobertores por pessoa.

Eu: Porque só dois? pra não comprar tipo...

Bisavó Ana: porque quem tinha dinheiro compra bastante, quem não tem...

Eu: Ah...que palhaçada!

Bisavó Ana: então vendia, se tivesse caro não tinha problema. Aí tinha uma moça que falou "A senhora não quer comprar a mais?", "Eu se pudesse comprava uns quatro", "Então me dá o dinheiro que eu compro no seu nome", Ai ela comprou dois, eu comprei dois, quatro cobertor. Eu dei um pro Pedro, um para Mariana, uma pra tua mãe. Um pra Priscilla e um pra tua mãe. Elas acabaram com tudo.

Eu: Qual que era? Será que eu já vi?

Bisavó Ana: Uns cobertor bonitos, xadrez, sabe? A sua mãe quando as coisas ficam meio velhas ela já dá.

Eu: A minha mãe dá muita coisa mesmo!

Bisavó Anna: Ai menina, eu vendi um dentro do ônibus!

Eu: Dentro do ônibus?!

Bisavó Ana: "A senhora comprou?" Falou, "Comprei pra vender", "A senhora não quer me arrumar um?". Eu pagava 3, pagava 3 reais cada um.

Eu: 3?

Bisavó Ana: Ai tava exposição né, e eu vendia por quinze.

Eu: Nossa! Superfaturando hahahaha!

Bisavó Ana: vendia por quinze, o preço da loja.

Eu: Tava superfaturando vó!

Bisavó Ana: Então, e eu precisava disso? depois me roubaram todo meu dinheiro né. De que adianta? Adiantou nada!

Agora eu to aqui, meio desprezada. Você que fica mais comigo... A tua mãe, não, a tua vó é de manhã: "oi mãe, tudo bem?" ai a tarde a hora que chega, "Oi mãe". Então é assim, eu fico aqui sentada sozinha, menina. Fazer o que, né? Tenho duas aposentadoria, se eu não tivesse dor nas pernas tinha dado no pé...

Eu: Tinha ido pra onde?

Bisavó Ana: Eu ia alugar um quarto na... na... na rua São Caetano, tem bastante quarto. Quarto com um lavatório, um banheiro. Ai de noite eu dormia no quarto e de dia eu ia zoando por aí!

Eu: Zoando por aí?!

Bisavó Ana: Ia pra cidade, zuando na cidade. Ia com a bolsinha do lado, vendo se alguém me dava alguma coisa. Eu tenho duas aposentadorias, e o quarto era baratinho.

Eu: Ah mas hoje em dia ta tão caro vó, um absurdo de caro esses dias!

Bisavó Ana: É hoje é mais caro, né?

Eu: É!

Bisavó Ana: Mas com essas dor nas pernas... A vó tem vontade de trabalhar, mas não consigo lavar um garfo, não consigo lavar uma colher, não paro em pé...

Referencias e Desenvolvimento

Ao começar o trabalho eu tinha um milhão de ideias de como mostrar tudo o que estava pensando e nenhuma ideia de como juntar tudo isso ou de como o trabalho final ficaria. Então a primeira coisa que fiz para organizar essa confusão de ideias foi juntar referências.

Referências em fotos de minha família, para me pautar na construção de personagem e dos ambientes, referências dos lugares em que as histórias se passariam, referências de ilustração, de cor, de diagramação e de quadrinho. Esse levantamento não ficou restrito apenas ao começo do trabalho e fui juntando mais e mais referências que faziam sentido à medida que fui construindo. Mas esse foi sem dúvida, o primeiro passo.

Ao lado as primeiras imagens que separei, que são fotos de minha família datadas de 2002 a 2021.

1. 2020; 2. 2019; 3. 2020; 4. 2021;
5. 2021; 6. 2007; 7. 2021; 8. 2006;
9. 2018; 10. 2014; 11. 2006; 12. 2018;
13. 2018; 14. 2021; 15. 2020; 16. 2003;


1


2


3


4


5



6


7



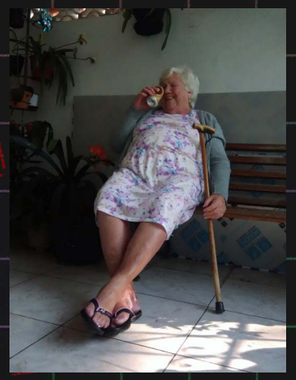
8


9


10


11


12


13


14


15


16

Os Lugares

Além da fábrica, durante o trabalho eu visito e faço menção a alguns outros lugares que foram importantes em minha vida e em minha relação com minha bisavó. Aqui mostro algumas referências em que me pautei para desenhá-los.



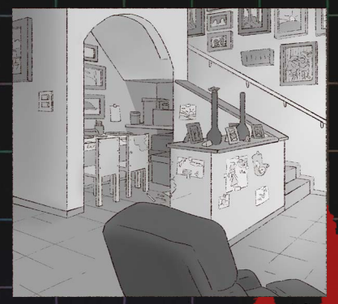
17

Casa da Vó

Foi a primeira casa onde morei e também a última que minha bisa morou. Agora está pintada de branco, mas na maior parte da minha infância foi verde água como na foto. Abaixo dois desenhos dela que desenvolvi para outros trabalhos durante a graduação, um da fachada e outro de uma parte interna da casa.



18



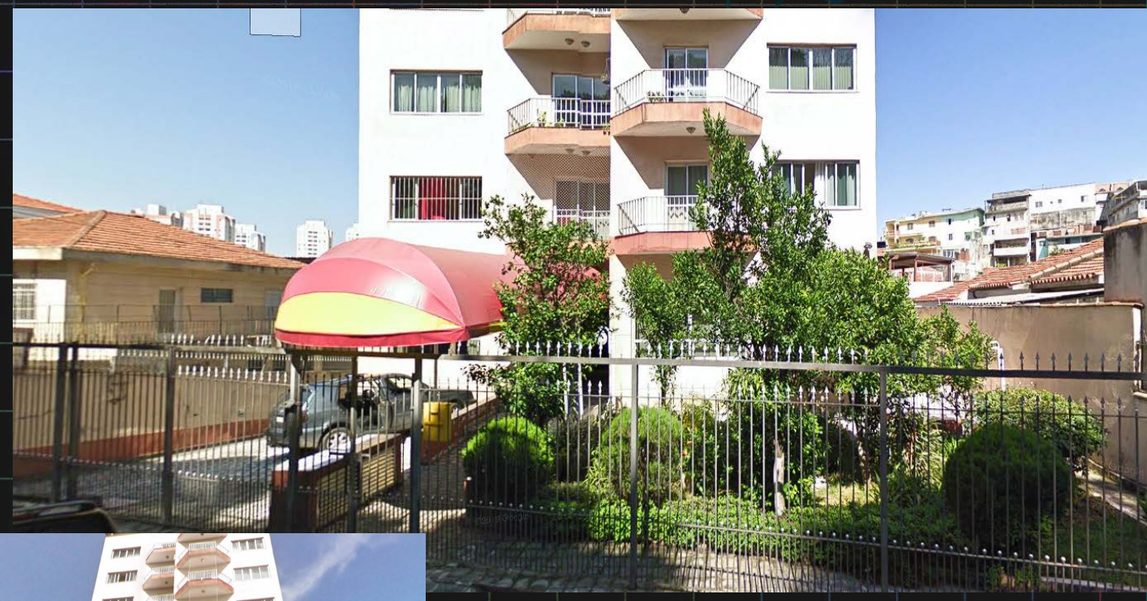
19

Casinha Vermelha

Como comentei antes, era uma casinha vermelha de dois andares, tinha uma varanda enorme e dois quartos. Todas as manhãs o galo do vizinho cantava alto e eu e minha irmã morríamos de medo, então dormimos todos no mesmo quarto.



20



21

Apartamento da Tia Mércia

Um apartamento onde minha Tia Avó morou por muito tempo e por um período minha bisavó e bisavô também. Eu também morei em um outro apartamento neste prédio quando era pequena, mas pouco lembro.



22

Capela Santo Expedito

A capela de Santo Expedito foi onde minha Bisa fez a promessa da qual falei na última história do segundo capítulo. Ela fica na Rua Jorge Miranda, bairro da Luz, próxima da Avenida do Estado.



23

17. Google, 2021; 18. Desenho digital, 2020; 19. Desenho digital, 2020; 20. Google, 2010; 21. Google, 2010; 22. Google, 2010; 23. Google, 2021;

Referências em lustração

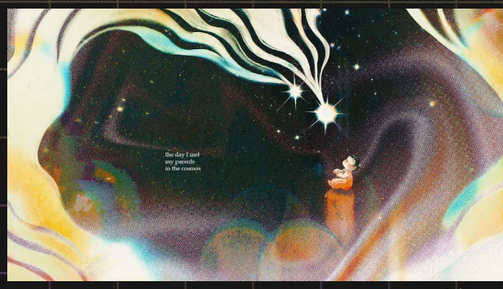
24 e 25. Olavo Costa, 2015; 26. Cinnamoonie, 2023; 27. Floriane Marchix, 2023; 28 e 42. Jose Luis Ágreda, 2015 e 2016; 29. Jeff Turley, 2016; 30. Masae Seki; 31. Olavo Costa, 2021; 32. Hanna Chong Meyer; 33 e 46. Sue Mondt; 34. Azusa Tojo, 2023; 35, 39, 41 e 47. Forrest Burdett; 36 e 44. Taylor Yingshi, 2023; 37. Kate Correa, 2022; 38. Alicia Sánchez, 2023; 40. Moy Lee, 2021; 43. Priwi, 2022; 45. Clari Cabral, 2023; 48. Kim Salt, 2023;



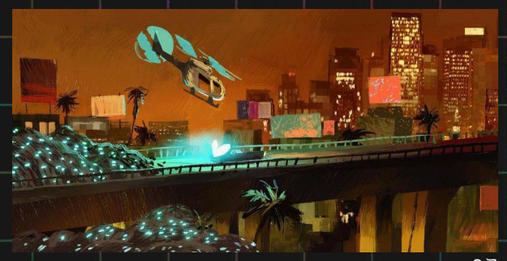
24



25



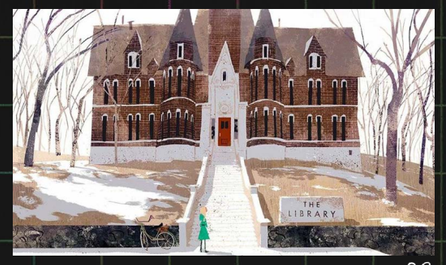
26



27



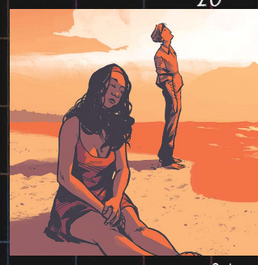
28



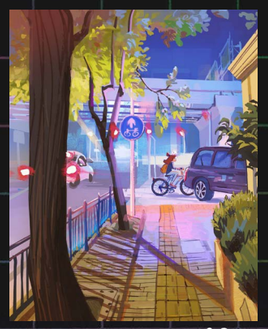
29



30



31



32



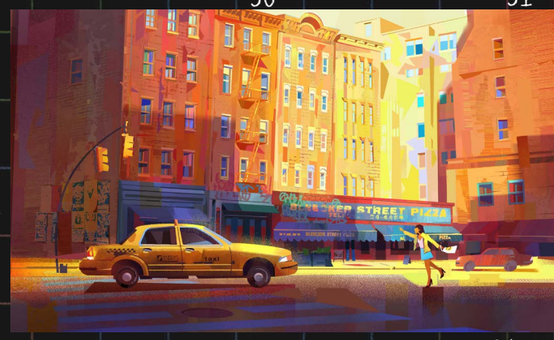
33



34



35



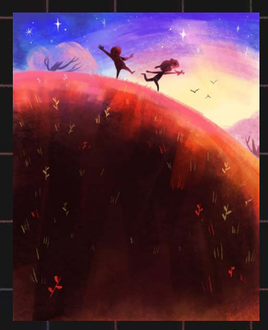
36



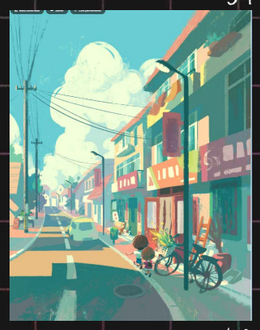
37



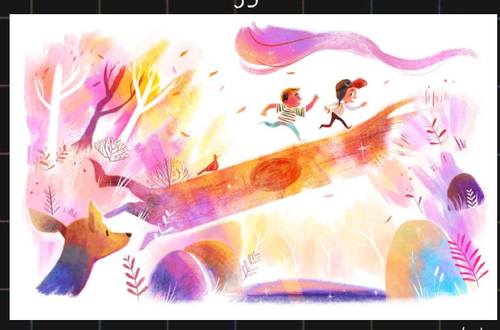
38



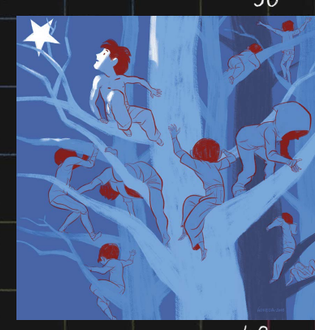
39



40



41



42



43



44



45



46



47



48

Referências em Quadrinho e Artbooks

49 e 57. "The Art of Up", 2009; 50, 60 e 63. Enrique Fernández, 2022 e 2023; 51, 52, 65. "The art of The Mitchells vs the Machines", 2021; 53 e 54. Deb JJ Lee e Adam Ellis, 2020; 55. Tali Destro, 2022; 56 e 59. "The Art of Miyazaki 's Spirited Away", 2002; 58 e 64. "The Art of Coco", 2017; 61. Brinson Thiemi, 2021; 62. Lucas Castro, 2022;

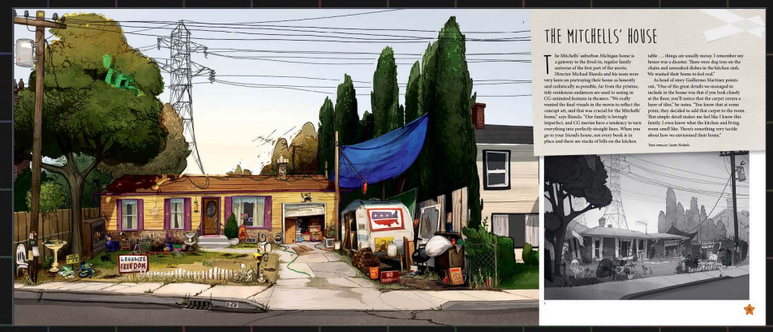




49



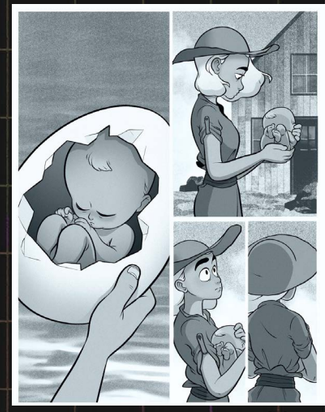
50

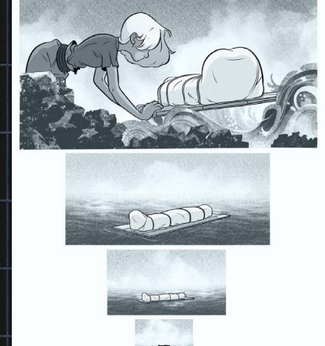


51

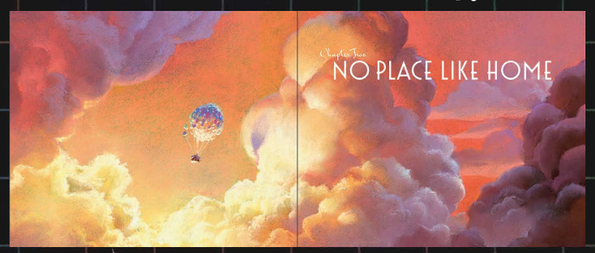


52

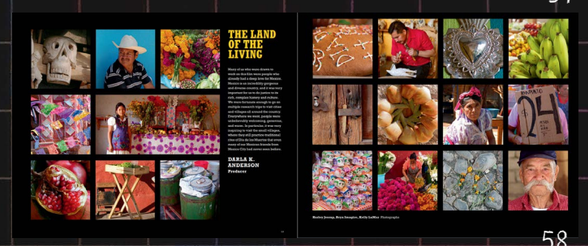




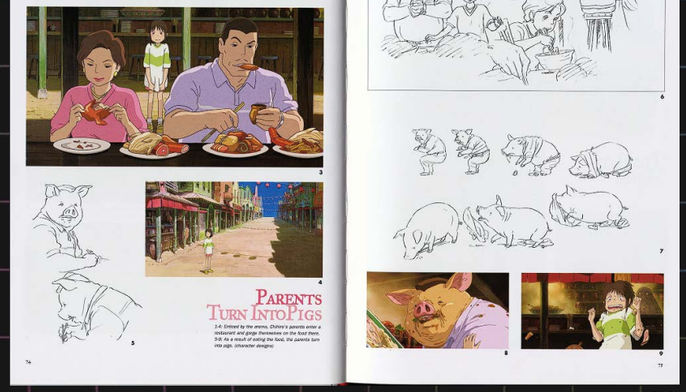
53



57



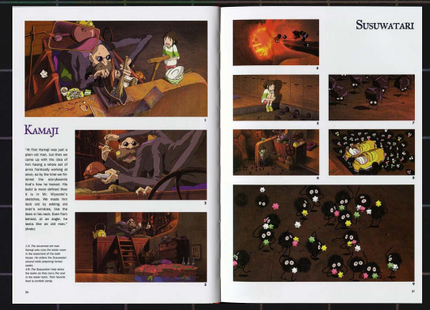
58



59



60

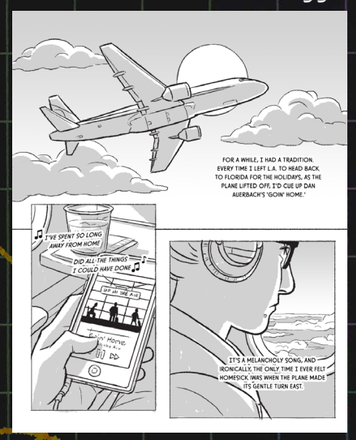




56



55



61

62



63



64



65

Elementos Gráficos

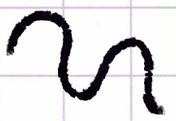
Aqui trago alguns comentários mais específicos sobre alguns elementos gráficos usados para compor as ilustrações e a parte de design do trabalho, que surgiram de experimentações após uma análise das referências levantadas.

Brushes

Brushes ou Pincéis são uma ferramenta do photoshop, programa usado para a criação de toda a parte de ilustração do trabalho. Criei e modifiquei alguns para terem uma textura de lápis/ giz de cera:



- Linha mais fina (principalmente para o desenho dos quadrinhos)



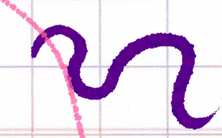
- Mais grossa e constante (para as bordas de quadro)



- Mais grossa e fluida (para as ilustrações)

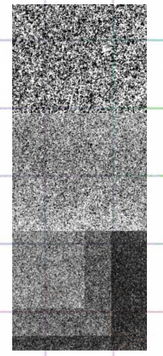


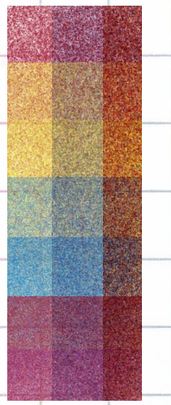
- Mais falhada e com maior dispersão de cores (texturas de fundo e alguns desenhos)

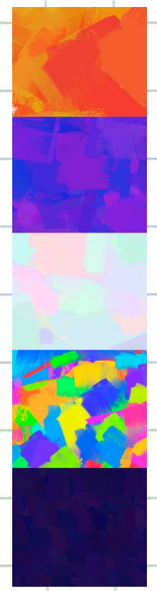


- Constante e mais fluida (para rascunhos)

Texturas







A primeira ilustração que fiz para este trabalho foi para o quadrinho "De Mãos Dadas", logo quando comecei a pensar como compor as ilustrações. Finalizei inteira com uma textura que defino como ruído, que me lembra um chiado de rádio ou o ruído brando de TV.

Achei que fez sentido, considerando o contexto e o tema do TCC e o adotei como um dos dois elementos gráficos principais do trabalho, estando presente em todas as ilustrações, dos traços ao meio tom, e também um pouquinho na tipografia. O segundo é a variação de cor, trabalhada na maior parte das páginas a partir de um brush (pincel do photoshop) com dispersão de matiz (quando as cores vão variando quando riscamos).

Ao lado, alguns testes com as duas texturas, com alguma variação de tamanho e misturas de cor.

Tipografia

Para as fontes usadas nos textos do trabalho tentei trazer uma lógica parecida à usada nos brushes/pincéis, algo que remetesse a um lápis ou giz de cera, mas que fosse legível, que tivesse uma variação ou uma fonte semelhante para os textos em itálico e em negrito e que possuíssem todos os caracteres especiais da língua portuguesa.

Fiz alguns testes com várias fontes e acabei escolhendo as seguintes:

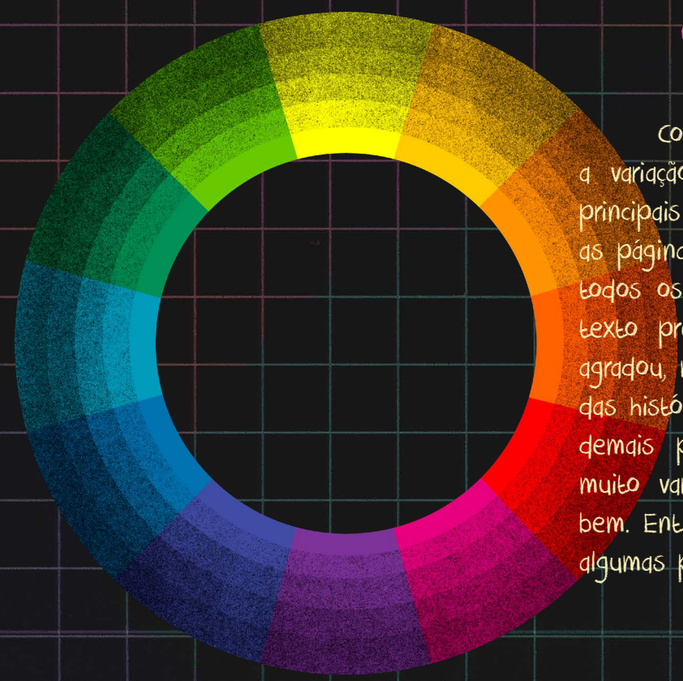
Crayon Crumble
Para o corpo do texto

Cool Crayon
Para as partes em italico

Cool Crayon
Para o texto em Negrito

Crowfeather Script
Para os Títulos Alternativos

São todas do mesmo criador, Hanoded e podem ser vistas em seu site: https://www.hanodedfonts.com/



Colorização

Como logo de início eu defini que a variação de cor seria um dos elementos principais do trabalho, ao começar a finalizar as páginas tentei usar de todas as cores em todos os lugares. Em alguns lugares, onde o texto predomina, esse estilo de finalização agradou, mas em outros, como nas ilustrações das histórias, nas páginas de quadrinho e nas demais páginas com ilustração essa paleta muito variada não estava funcionando muito bem. Então, dei um passo para trás e escolhi algumas paletas de cor.

Capa do trabalho e páginas de texto



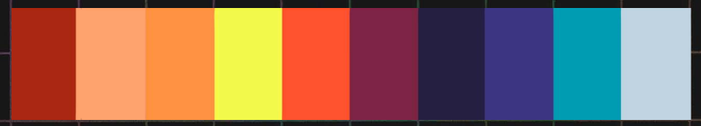
Capa do Primeiro Capitulo



História da Pulga



História dos Ratos



História das Baratas



Capa do Segundo Capitulo



Capa do Terceiro Capitulo



Paleta de cores - Familia



As cores da Família

Apesar de ter usado esse recurso apenas aqui no início do terceiro capítulo, defini junto com minha família, uma paleta de cores que representasse cada um de nós. Cada um fez uma sugestão de suas próprias cores, com a exceção de meu pai, que eu já sabia que tem como cor favorita o azul, e de meus bisavós, para quem não pude perguntar.

Para meu bisavô optei por um verde, pelas camisas que lembro dele usando e pelo palmeiras, time para o qual torcia. E para minha bisavó, por não conseguir escolher e por retratá-la em diversas cores ao longo do trabalho, deixei um degradê de cores, um arco íris ou um círculo cromático.



Vó Anna

Mãe - Tatiane

Sofia

Eu - Beatriz

Maria Eliza

Tia Mércia - Anamércia

Vó Maria - Maria Amélia

Dito - Benedito

Tia Pri - Pristcilla

Vó Dico - Valdemar

Pai - Ronaldo

FAMÍLIA - DESIGN DE PERSONAGENS

A partir de uma análise das fotos de minha família (e também da convivência de 23 anos) fiz um estudo com desenho mais estilizado de nós. A princípio a ideia era usar essa base de personagem para as ilustrações e os quadrinhos, mas por limitações de tempo tive que simplificar um pouco o estilo até ele se tornar aquele presente nos desenhos dos dois primeiros capítulos.



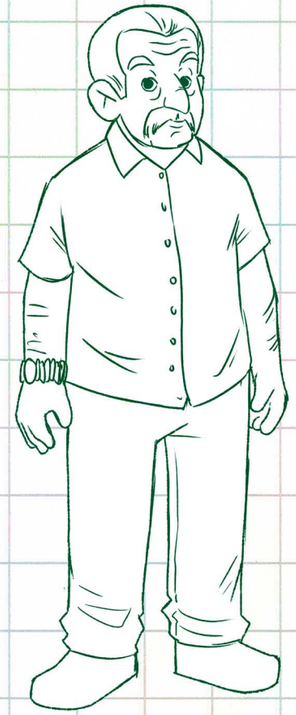
Vó Anna

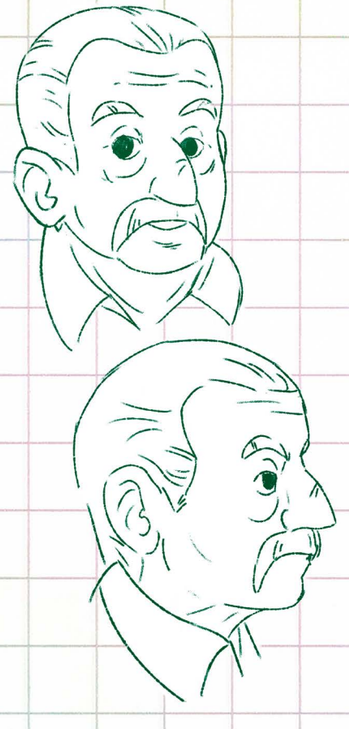




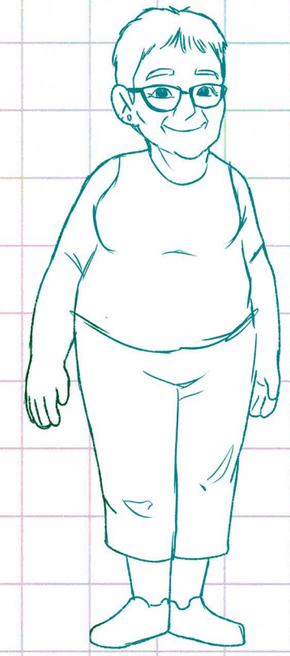


Vô Dico
Valdemar

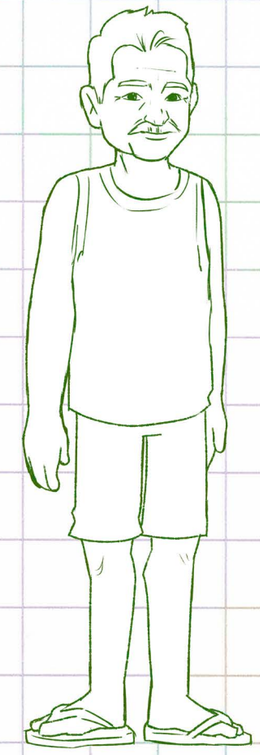




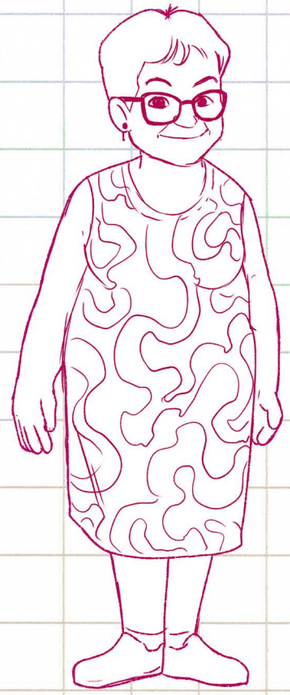
Vó Maria
Maria Amélia



Dito
Benedito



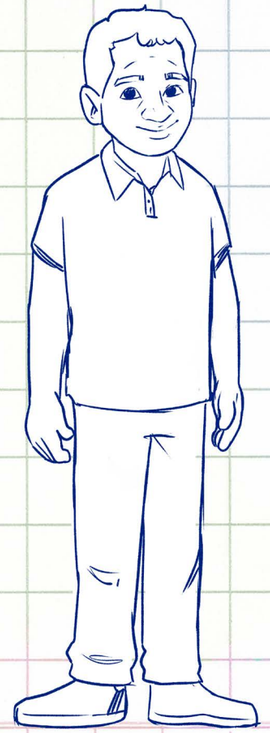
Tia Mércia
Anamércia



Mãe
Tatiane



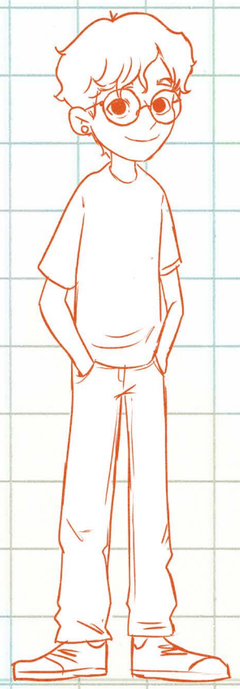
Pai
Ronaldo



Beatriz
5-6 anos



Eu
Beatriz



Maria Eliza
3-4 anos



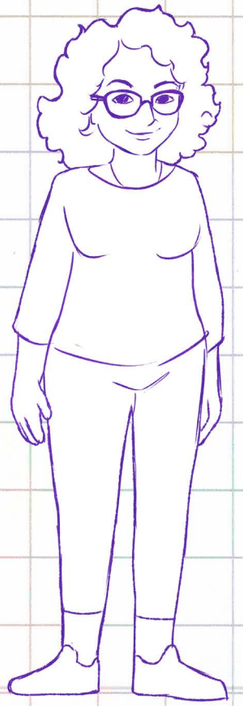
Maria Eliza



Sofia



Tia Pri
Priscilla



CONSIDERAÇÕES FINAIS ?



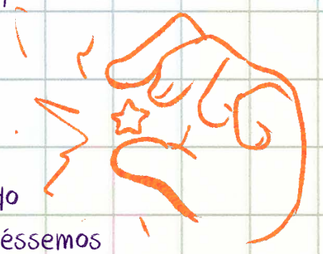


Escrever sobre um processo criativo de um projeto que vem sendo desenvolvido a algum tempo não foi a coisa mais simples do mundo (apesar de ter sido mais divertido do que imaginei que seria), ainda mais para um projeto que tem a importância que este tem para mim, mas tentar escrever algum tipo de fechamento para tudo isso tem se mostrado a parte mais complexa até aqui.

De certa forma, esse trabalho foi uma tentativa de juntar todas as recordações relacionadas a minha bisa que vinham à cabeça em um montinho de umas 100 páginas, o que é praticamente impossível. E tentar desenvolver um projeto partindo de uma impossibilidade foi, como vocês podem imaginar, uma bagunça.

Porque o processo de tentar lembrar tão intimamente de alguém que não está mais aqui não pode ser nada além de uma bagunça mesmo. Um emaranhado de sentimentos, de intenções e de ideias que eu tentei organizar um pouquinho, o suficiente para conseguir registrar e contar uma partezinha de quem ela foi.

(Eu sei que dei uma pesada nos diminutivos, mas é porque o trabalho é isso, uma partezinha bem minúscula dela).



Foi um caminho difícil, porque inicialmente recordá-la, ter as ideias, tentar colocar as histórias no papel sem poder perguntar se ela concordava com tudo aquilo parecia muito errado e particularmente doloroso. E mesmo agora, eu sei que caso tivéssemos o construído juntas esse trabalho teria sido completamente diferente, ela provavelmente teria me contado uma nova versão de todas as histórias e teria sido a narradora principal delas.

Ela era uma ótima narradora!



Mas, apesar de reconhecer esse trabalho como algo que está fadado a estar incompleto para sempre, eu realmente gosto do que construí até aqui e sei que a necessidade de fazê-lo partindo de mim, de minhas memórias me levou a um exercício importante de reflexão sobre minha relação com minha bisavó, minha família, minha própria história e as reverberações disso em minha produção visual, que agora me motiva mais do que nunca a tentar ser uma boa contadora de histórias também. (Mas do meu jeitinho! com menos ~~palavras~~!)



Sobre o Título:

REMINISCÊNCIAS EM QUADRINHOS DE MINHA BISAVÓ

Ao começar a escrever e a desenhar as histórias tomei uma decisão quase inconsciente de que eu queria que o trabalho fosse divertido, porque minha bisa era uma pessoa divertida. E para mim, não há maneira mais legal de ler e contar histórias do que os quadrinhos e os livros ilustrados.

Ao longo de todo o desenvolvimento do projeto, o coloquei como algo que estava entre esses dois meios, principalmente pensando na mudança de estrutura entre o primeiro e o segundo capítulo, onde o primeiro é elaborado como algo muito mais próximo a um livro ilustrado (e eu realmente o considero um!). Mas ao retomar algumas leituras sobre o universo dos quadrinhos, consegui reconhecer no primeiro uma estrutura semelhante a aquilo que eu tentei trazer no segundo capítulo e que eu sempre atribuí aos quadrinhos apenas.

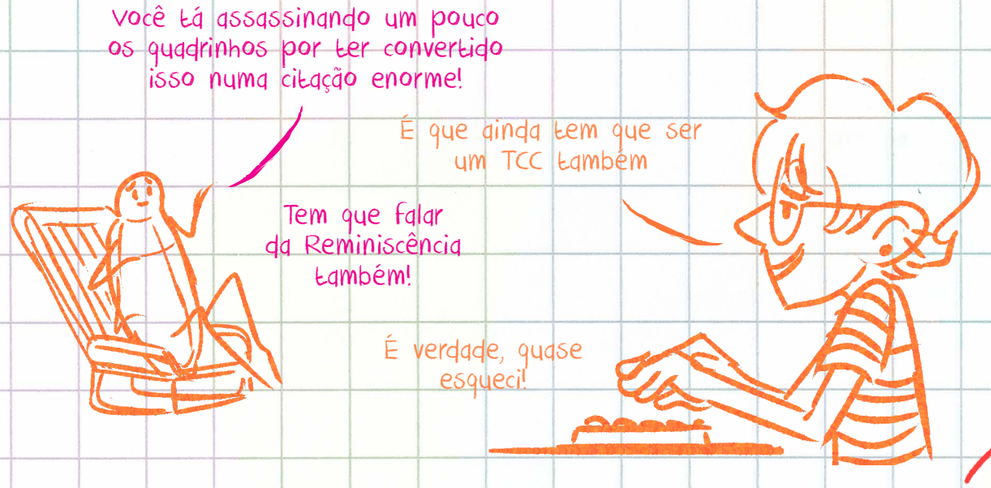
> "O meio que chamamos histórias em quadrinhos se baseia numa ideia simples: A ideia de posicionar uma imagem após a outra para ilustrar a passagem do tempo.[...]
>
> Os quadrinhos são um idioma. Seu vocabulário consiste de toda a gama de símbolos visuais incluindo o poder dos cartuns e do realismo, tanto separadamente como em surpreendentes

combinações. O coração dos quadrinhos está no espaço entre um quadro e outro onde a imaginação do leitor dá vida a imagens inertes!

É um processo que pode ser quantificado, classificado e até mesmo mensurado... e todavia permanecer misterioso pela forma como ilustra imagens mentais. Em seu uso da sequência visual, os quadrinhos substituem o tempo pelo espaço. No entanto, não existe uma norma de conversão, e o tempo flui nos quadrinhos... numa assombrosa variedade de maneiras.

Com imagens inertes que estimulam um único sentido, os quadrinhos representam todos os sentidos e pelo caráter de suas linhas representam o invisível mundo da emoção. Linhas que evoluem e tornam elas próprias símbolos ao dançarem com os símbolos mais jovens chamados palavras."(McCLOUD, 2006, p. 1 e 2).

E é por isso que decidi no título e em um contexto geral, o chama-lo de quadrinho!



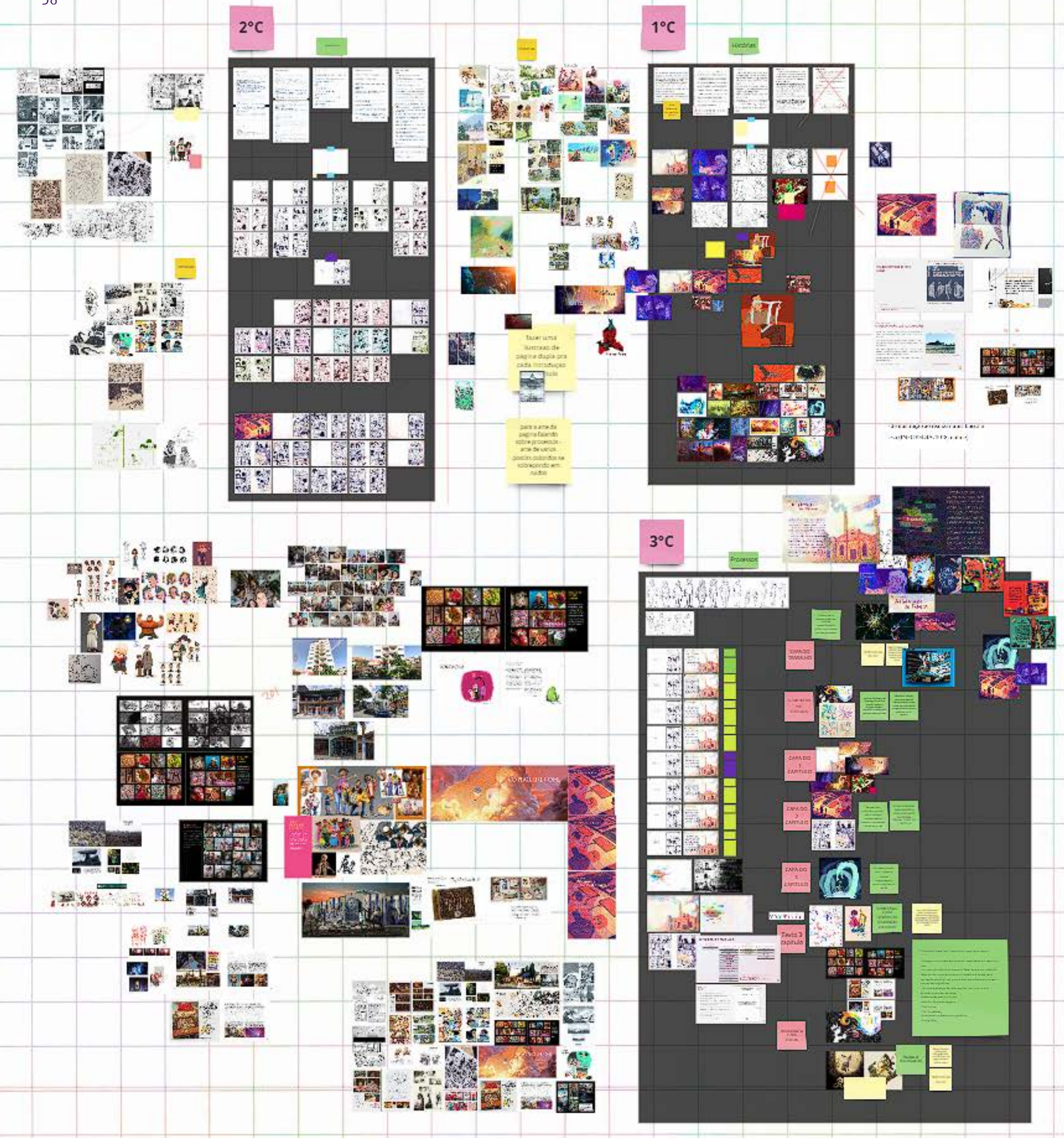
A palavra reminiscências foi sugerida por um amigo que gosta mais das palavras do que eu, o Felipe, em uma conversa sobre qual nome dar ao trabalho, ela ficou na minha cabeça por algumas semanas até conseguir formular uma versão do título que me agradasse.

No dicionário(Infopédia, 2023, online) ela tem sentido de:

1. recordação que se guarda de modo inconsciente
2. capacidade de guardar e reconstituir ideias,ideias,

conhecimentos, impressões adquiridos anteriormente, memória
3. recordação vaga, lembrança quase apagada
4. PSICOLOGIA recordação ou lembrança sem reconhecimento
5. característica inspirada por uma influência que não é totalmente consciente na criação artística





Deixo aqui também um "print" do aplicativo onde fui registrando os processos do trabalho.

Referências



Bibliográficas

FAEDRICH, Anna. **O Conceito de Autoficção: Demarcações a partir da Literatura brasileira contemporânea.** Araraquara, 2015.

HAUSER, Tim. **The Art of Up.** São Francisco: Chronicle Books, 2009.

LASSETER, John; UNKRICH, Lee; MOLINA, Adrian. **The Art of Coco.** São Francisco: Chronicle Books, 2017.

MIYAZAKI, Hayao. **The Art of Miyazaki's Spirited Away.** São Francisco: Viz Communications, 2002.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos.** Trad. de Helcio de Carvalho;Maria do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995.

McCLOUD, Scott. **Reinventando os quadrinhos.** Trad. de Roger Maioli. São Paulo: M. Books, 2006.

Porto Editora - **reminiscência no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa** [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2023-11-04 17:54:03]. Disponível em https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/reminiscência

PRADES, Anita N. **Trajetórias de um fio de rio: Narrar por imagens no contexto do Livro Ilustrado.** 2019. Tese (Mestrado em Arte Educação) - Universidade Estadual Paulista, São Paulo.

ZAHED, Ramin; RIANDA, Debbie. **The art of The Mitchells vs the Machines.** Nova Iorque: Abrams, 2021.

Lista de Ilustrações

Páginas 80 e 81

1. Selfie em família no quintal da vó, 2020, Fotografia digital.
2. Vó e Dito em caxambu, 2019, Fotografia digital.
3. Aniversário vó Ana, 2020, Fotografia digital.
4. Aniversário vó Ana, 2021, Fotografia digital.
5. Vó Ana de chapéu de papai noel, 2021, Fotografia digital.
6. Meu pai, minha irmã e eu de férias na praia, 2007, Fotografia analogica.
7. Vó Ana e Cezar no Aniversário dela de 90 anos, 2021, Fotografia digital.
8. Maria, minha irmã tomando sorvete, 2006, Fotografia analogica.
9. Vó Maria e Vó Ana, 2018, Fotografia digital.
10. Vó Ana, Vô Dico e minha mãe, 2014, Fotografia digital.
11. Eu e Maria sorrindo para foto, 2006, Fotografia Analogica.
12. Vó Ana tomando Skol no quintal, 2018, Fotografia digital.
13. Vó Ana tomando Skol no quintal, 2018, Fotografia digital.
14. Selfie no aniversário de 90 anos da Vó Ana, 2021, Fotografia digital.
15. Dito, Vó Ana e Vó Maria no Natal de 2020, 2020, Fotografia digital.
16. Vô Dico dando mamadeira para Maria, 2003, Fotografia analógica.

Páginas 82 e 83

17. Casa Vó Maria, Google Maps, 2021.
18. Desenho digital da fachada Casa da Vó, 2020.
19. Desenho digital da Sala da casa da Vó, 2020.
20. Casinha vermelha, Google Maps, 2010.
21. Prédio em que a Tia Mércia morava, Google Maps, 2010.
22. Prédio em que a Tia Mércia morava, Google Maps, 2010.
23. Capela de Santo Expedito, Google Maps, 2021.

Páginas 84 e 85

24 e 25. ilustrações do livro " AIafiá e a pantera que tinha olhos de rubi", Olavo Costa, 2015. Disponivel em: https://www.behance.net/gallery/112190667/alafia
26. Ilustração de Cinnamoonie, 2023. Disponível em: https://twitter.com/cinnamoonie/status/1675492422355132417
27. Ilustração de Floriane Marchix, 2023. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CvdiqwQvjpa/?hl=pt-br
28 e 42. Ilustrações de Jose Luis Ágreda, 2015 e 2016. Disponíveis em: https://www.behance.net/Agreda?tracking_source=search_usersagreda
29. Ilustração de Jeff Turley, 2016. Disponivel em: https://jeffturley.tumblr.com/post/140274055496/ghost-bringing-classic-ghost-stories-back-to
30. Ilustração de Masae Seki. Disponível em: https://www.masaeseki.com/
31. Capa do quadrinho "Paraíba", Olavo Costa, 2021. Disponível em: https://www.behance.net/gallery/112395995/paraiba?tracking_source=search_projectsolavo+costa
32. Ilustração do portfólio de Hanna Chong Meyer. Disponível em: https://www.hannahcmeyer.com/still-life-drawings-1
33 e 46. ilustração de Sue Mondt para os cenários da série animada das "Meninas superpoderosas". Disponível em: https://twitter.com/ani_obsessive/status/1433754538230616071
34. Ilustração de Azusa Tojo, 2023. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CnpIEfnSqIF/?ref=9gag
35, 39, 41 e 47. Ilustrações do portfólio de Forrest Burdett. Disponíveis em: https://www.forrestburdett.com/
36 e 44. Ilustrações do portfólio de Taylor Yingshi, 2023. Disponível em: https://www.taloryingshi.com/illustration

37. Ilustração de Kate Correa, 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cl9IC2uOGns/?hl=enimg_index=4
38. Ilustração de Alicia Sánchez, 2023. Disponível em: https://twitter.com/alisvart/status/1695117394497191972
40. Ilustração de Moy Lee, 2021. Disponível em: https://www.behance.net/gallery/129062377/Memories-02
43. Ilustração de Priwi para o livro "Formiguinhas", 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/ClmCMVsyF5E/?hl=pt-br
45. Ilustração do portefólio de Clari Cabral, 2023. Disponivel em: https://www.claricabral.com/fantasy
48. Ilustração de Kim Salt, 2023. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CovTpo-OjXw/?img_index=1

Páginas 86 e 87

49 e 57. Páginas 64 ,65, 102,103,104 e 105 do "The Art of Up", 2009.
50, 60 e 63. Páginas de quadrinhos e ilustração de Enrique Fernández, 2022 e 2023. Disponíveis em: https://www.instagram.com/jenrycomic/?hl=pt-br
51, 52, 65. Páginas 40, 41, 84, 85, 14 e 15 do "The art of The Mitchells vs the Machines", 2021.
53 e 54. Páginas do quadrinho "Little house in the sea" de Deb JJ Lee e Adam Ellis, 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CI3fLMTjVc_/?img_index=1
55. Página do Quadrinho "Transparente" de Tali Destro, 2022. Disponível em: https://tapas.io/series/Transparentes
56 e 59. Páginas 94, 95 ,74 e 75 do "The Art of Miyazaki 's Spirited Away", 2002.
58 e 64. Páginas 12, 13 e 18 do "The Art of Coco", 2017.
61. Página do quadrinho "The other side of the Trees" de Brinson Thiemi, 2021. Disponível em: https://brinsonthieme.com/the-other-side-of-the-trees
62. Foto de página do quadrinho "Labareda" de Lucas Castro, 2022. Disponível em: https://www.behance.net/gallery/155772495/Labareda-HQ

